



A LAHONA

Agosto

1967

Fortaleça os Laços entre Líderes Adultos e Jovens

Os que são chamados a liderar a juventude devem estar cientes de alguns princípios gerais de liderança que, se empregados, trazem sucesso ao planejamento e realização das atividades do Comitê do Sacerdócio Aarônico-Jovens. Atividades bem sucedidas principiam por *envolver todos* os participantes nas primeiras fases do planejamento. A juventude deve ser incumbida da seleção, planejamento e, tanto quanto possível, promoção das atividades específicas. O *papel dos líderes adultos* deve ser o de *conselheiros*, oferecendo orientação e sugestões. Eles auxiliarão fazendo perguntas a respeito de incumbências que devem ser delegadas, para salientar as áreas que necessitam de maior planejamento ou que precisem ser revistas mais cuidadosamente. Tome cuidado para que, em seu desejo de garantir o sucesso, não venha a privar a juventude da oportunidade de desenvolver-se através de sua própria experiência! O líder adulto tem a responsabilidade última da aprovação das atividades planejadas. Ao garantir liberdade de ação aos jovens é imperativo que o líder adulto não abdique de sua posição supervisora.

I. Incentive o entusiasmo

O otimismo pode fazer milagres no influenciar a conduta da parte dos líderes adultos que reflita confiança e respeito pela juventude e uma grande força positiva que pode ser utilizada para guiar os adolescentes por caminhos sadios. Evite uma atitude de dúvida, suspeita e pessimismo quanto aos resultados finais. Incentive os jovens a participar com espírito de equipe, a ser criativos e atingir seus propósitos. Espere o melhor. Não se satisfaça com menos que o desempenho adequado no sucesso de escolha, planejamento e execução das atividades.

II. Estabeleça limites

É extremamente importante delimitar bem as possibilidades e a liberdade de que os jovens poderão usufruir. Não espere deles uma escolha impossível. Se é do seu conhecimento que certas atividades são proibitivas, esclareça-o para seus liderados. Entretanto, dentro dos limites permissíveis os líderes adultos devem minimizar sua interferência com os processos do grupo e as atitudes democráticas.

III. Ouça e aprenda

Ouvir é trabalho. Muito se pode aprender a respeito da juventude e seu mundo observando e ouvindo. Planejar e participar de atividades provê excelente oportunidade para se ganhar compreensão. Se o líder adulto tiver sido parte de todo o processo de liderança de uma atividade específica, estará bem colocado para

interpretar o pleno significado da conduta e do mundo dos jovens.

IV. Seja sempre exemplo

Os adultos devem ser sempre eles mesmos, sem tentar "imitar adolescentes". Alguns adultos são bastante abertos e sem formalidades — adaptam-se bem em ambientes esportivos e sociais. Isto é bom. Se, no entanto, um líder adulto sentir-se melhor numa atmosfera mais formal, deve sempre portar-se de forma congruente com seu modo de pensar, mas sem forçar os jovens a se enquadrar em seu procedimento adulto.

V. Ajude-o a atravessar o vazio

Lembre-se — a juventude é um processo de transição para se atingir o estado adulto, abandonando-se a segurança da companhia dos colegas favoritos e procurando-se atingir o mundo adulto. Alguns jovens, entretanto, terão um espírito de grupo mais acentuado e considerarão qualquer pessoa de mais 30 anos como intrusa. É muito importante auxiliá-los a atravessar esta fase, compreendendo e respeitando as coisas do seu mundo.

Comumente zombamos de coisas que não conhecemos nem compreendemos. Na presença dos adolescentes, muitas vezes externamos opiniões depreciativas a seu respeito sem tentar realmente compreender. Fazemos mesmo um grande esforço para adaptá-los ao "nosso gosto". É muito importante aceitá-los como são e onde estão, seja qual for o nível social, habilidade ou graça que possuam e, convivendo com eles, dar exemplos que possam conduzir a maior alegria, companheirismo e, acima de tudo, desenvolvimento para o jovem.

VI. Se houver qualquer coisa louvável...

Em alguns casos nós, como adultos, devemos acautelar-nos contra as novas invenções dos jovens. Não devemos hesitar em permanecer firmes e mantermo-nos fiéis aos ideais. Precisamos, no entanto, saber reconhecer a uma boa idéia ou uma contribuição social apreciável.

VII. Eles procedem como se sentem — faça-os sentir-se bem

Em qualquer discussão ou resolução de problema a primeira coisa que a maioria das pessoas tenta fazer é definir a questão. A seguir, atiram-se à procura da solução. Raramente verificam com a pessoa ou grupo a maneira como se sentem a respeito da situação. Sentimentos e emoções são parte vital da conduta e devem ser pesquisados e explorados a fim de se compreender

(Conclui na página 9)

Explorando o Universo

Franklin S. Harris, Jr.

EXTINÇÃO DAS ESPÉCIES

Desde 1800, não menos de 44 espécies de mamíferos e provavelmente mais um número maior de espécies de pássaros extinguíram-se, comunicou Philip Street. Certa espécie de pombos, a qual os famosos ornitólogos John James Audubon e Alexandre Wilson estimaram incluir entre um e dois bilhões de pássaros. extinguiu-se desde que o último espécime morreu no Jardim Zoológico de Cincinnati, em 1 de setembro de 1914. O dodô pertencia à família dos pombos, maior do que um peru, com um enorme bico torto, cauda curta e encrespada, e asas rudimentares. Foi primeiramente descoberto na ilha Mauritius, no Oceano Índico em 1598, mas já em 1693 tinha desaparecido por ação predatória de cães e porcos na ilha. A Alca, encontrada em certas áreas do Atlântico Norte, mormente em algumas poucas ilhas rochosas próximas da Islândia, duraram desde a sua descoberta em 1534 até que o último casal destas aves incapazes de voar foi morto em 1844. O quagga, espécie de burro selvagem sul-africano aparentado com a zebra, sobreviveu até 1883 no Zoológico de Amsterdam, e a zebra Buchell até 1909 no Zoológico de Londres.

OLHOS MOSTRAM ATIVIDADE MENTAL

Os psicólogos da Universidade de Chicago descobriram que as alterações do tamanho da pupila ocular pode ser utilizado na mensuração da atividade mental. O trabalho com problemas de multiplicação mostra que a atividade mental relaciona-se estreitamente com a dificuldade do problema e que o tamanho da pupila cresce com a dificuldade do problema.

Agosto de 1967

A LIAHONA

Órgão Oficial da Igreja.
Agosto de 1967.
Volume XXI

Número 8

ARTIGOS:

- 4 **Advertência à Juventude.** David O. McKay
- 7 **Desenvolvimento Pessoal.** Gordon B. Hinckley
- 10 **A Partir de Cumorah. XV.** Hugh Nibley
- 13 **Então é Disso Que São Feitos os Rapazes? — XII.** W. Cleon Skousen
- 16 **Uma Revoada Gris.** Brian Kelly
- 26 **Há uma Lei.** [Lowell L. Bennion
- 29 **Um Pobre e Aflito Viajor.** Hélio da Rocha Camargo
- 33 **O Herói da Aldeia.** O. J. Robertson

SEÇÕES:

- 3 **Espécies em Extinção.** Explorando o Universo
- 19 **Ao Raiar do Novo Dia.** Escola Dominical
- 20 **Francamente, Bispo. . .** Bispado Presidente
- 22 **As Técnicas do Ensino Aplicado.** Ensino
- 25 **. . . Sem Nós, Não Podem Ser Aperfeiçoados.** Genealogia
- 31 **O Processo dos Milagres.** AMM

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. A Liahona, órgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do Unified Magazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B.n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo. Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Preços: Assinatura anual para o Brasil; NCr\$ 3,00, para o exterior simples US\$ 3,00, aérea US\$ 7,00. Exemplar NCr\$ 0,30, atrazado NCr\$ 0,60. As mudanças de endereço devem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o novo endereço.



Meus queridos irmãos e irmãs: É com emoções várias que os saúdo esta manhã e de todo o coração lhes dou as boas vindas — a vocês que se reúnem neste Tabernáculo e a todos que ouvem a sessão de abertura da 137.ª Conferência Anual da Igreja.

Advertência à Juventude

*palavras do Pres. David O. McKay na sessão inaugural da
Conferência Geral no Tabernáculo
6 de abril de 1967*

Rendo louvores com profunda gratidão pelas bênçãos do Senhor e expresso meus sinceros agradecimentos aos membros da Igreja em todo o mundo por suas preces em minha intenção, que me têm sustentado e mantido.

Sou grato por sua lealdade e devoção e sei que nosso Pai Celestial se compraz no trabalho abnegado dos oficiais e professôres das alas e estacas e no de todos os que estejam auxiliando a promover a causa da Verdade. Vocês são verdadeiramente servos do Senhor e eu os abençôo a todos.

É um extraordinário privilégio reunir-me a vocês e usufruir da inspiração que emana de uma Conferência Geral da Igreja. Suas sessões serão extensamente divulgadas e sinto-me jubiloso de anunciar que durante esta Conferência já utilizaremos os recursos da comunicação espacial para transmitir a mensagem do Evangelho.

Pela primeira vez uma irradiação da sessão matutina será transmitida para além-mar, via satélite "Early Bird", em órbita a 35.000 km acima do Oceano Pacífico. Esta irradiação histórica será ouvida no Havaí — local a que se destina — seis décimos de segundo depois de nossas vozes serem proferidas aqui no Tabernáculo, após viajar mais de 160.000 km através do espaço. Desta forma, principiamos a utilizar outro grande instrumento de comunicação na obra de nosso Pai Celestial.

Estima-se que esta Conferência de Abril será vista e ouvida pela maior audiência que já presenciou uma Conferência Geral da Igreja.

Estamos verdadeiramente vivendo numa era maravilhosa da história e a obra do Senhor está sendo promovida em todo o mundo de forma extraordinária. Nós damos graças por Sua benignidade e bênçãos a este povo.

Contudo, quando leio nos jornais e revistas relatos sobre as condições reinantes no mundo que nos cerca, fico extremamente preocupado. E imagino se não estaremos tão absorvidos em nossos propósitos pessoais, muitas vezes mesquinhos, que nos esquecemos do que Deus tem feito por nós.

Teremos nos esquecido das promessas que Ele fez e que nos darão a um tempo paz e vitória sobre todo o mal, tão somente aceitando o Senhor e sua palavra?

Parece-me que nunca antes as forças malignas se enfileiraram tão encarniçadas na luta quanto agora. Poucas pessoas duvidarão do fato de que estamos vivendo num período crítico e que muitos estão perdendo as amarras, "levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens, que com astúcia enganam fraudulentamente". — Efésios 4:14).

Satanás e suas forças estão atacando os ideais elevados e os padrões sagrados de conduta que protegem nossa espiritualidade e, como um de nossos irmãos declarou há pouco, "Ele nos está levando de roldão, envolvendo-nos com as seduções e tentações que já destruíram ideais elevados entre muitos povos do mundo, e com as quais espera agora infiltrar-se em nossas fileiras. Tornando o pecado popular no mundo, ele espera fazê-lo igualmente aceito entre nós. No mundo que nos rodeia os padrões elevados de conduta estão decaindo, para deixar lugar aos inferiores. Alguns esforços se concentram até na abolição total dos padrões". — (Editorial, Church News, 14 de janeiro de 1967).

Entre os males patentes de nossos dias, contam-se dois que parecem mais prejudiciais e que precisam ser dominados, se desejamos preservar os verdadeiros ideais cristãos. São eles: primeiro, uma crescente tendência de se desonrar os votos matrimoniais; e, segundo, a decadência moral e a progressiva delinqüência juvenil.

Estou contentíssimo e muito grato pelo nível ele-

vado da juventude da Igreja e reconheço a existência de inúmeros jovens dignos no mundo.

É porque eu adoro a juventude e desejo honestamente que sejam orientados pelas trilhas da retidão, sucesso e felicidade que os advirto dos perigos ameaçadores que são claramente visíveis no horizonte. Não se pode deixar de ficar alarmado ao ler nos jornais e revistas a crescente onda de crimes. Mesmo crianças estão sendo corrompidas por ela e a juventude é apanhada em seu redemoinho, contaminando-se inteiramente.

J. Edgar Hoover, diretor do FBI, tem advertido repetidamente a nação contra a espiral de crimes que se alastra por este país, chamando a atenção para o fato de que os transgressores juvenis são responsáveis por 72 por cento de todas as prisões por crime e que o prejuízo causado atinge a astronômica cifra de mais de 27 bilhões de dólares ao ano! (73 bilhões de cruzeiros novos).

Volto a mencionar uma declaração feita pelo Sr. Hoover num jantar em sua honra na cidade de Chicago, Illinois, em 24 de novembro de 1964:

“Que triste e dolorosa constatação a respeito do clima moral desta grande nação! A força moral de nosso país tem decrescido de maneira alarmante. Devemos voltar aos ensinamentos de Deus se quisermos curar esta doença.

“Estas estatísticas chocantes, juntamente com a evidente indiferença pública com relação a elas, são sintomáticas da falsa moralidade que hoje toleramos. É um falso código que se baseia na adoração de coisas criadas pela mão do homem. Um código tão imperfeito e débil como o próprio ser humano!

“Conquanto agradável aos sentidos, este tipo de clima moral não pode oferecer o apoio ou a força necessários a nossa sobrevivência nacional. Este colapso em nossos padrões morais apenas conseguirá tornar-nos impotentes como povo e como nação”.

E isto dito por um homem que é provavelmente nossa maior autoridade em questões policiais.

Muitos cidadãos preocupam-se profundamente com a onda de crimes, o índice elevado de divórcios e filhos ilegítimos, o aumento das doenças venéreas, os escândalos nos altos postos e outros sintomas de desonestidade pública e particular.

Haverá uma decadência moral? Há motivo de alarme? O mundo está aí e as estatísticas que lemos são realmente assustadoras, mas constituem uma advertência necessária. Eu creio que todos os cidadãos leais estão seriamente preocupados com a imoralidade e o desrespeito à lei e à ordem que enfraquecem os países.

A missão da Igreja é minimizar e, se possível, eliminar esses “males” do mundo. É evidente que precisamos de uma força unificadora para eliminá-los.

Uma tal força unificadora, como um grande ideal, é o Evangelho de Jesus Cristo, restaurando através do Profeta Joseph Smith. Ele explica a vida do homem e seu propósito e traz no bojo os elementos salvadores vitais: ideais nobres e edificação espiritual, pela qual o coração do homem anseia.

Mulheres e homens dignos de todas as partes estão desejosos de eliminar os elementos maléficos de dentro das comunidades, esses que estão constantemente a desintegrar a sociedade — o problema do álcool e da embriaguez, o vício de narcóticos com todos os males

resultantes, imoralidade, pobreza etc. A Igreja vem procurando tornar a ambos, lar e comunidade, melhores e mais acolhedores.

O inimigo está ativo. Ele é astuto e manhoso e aproveita toda a oportunidade para minar os alicerces da Igreja, atacando onde quer que seja possível enfraquecer ou destruir. A toda a pessoa normal o Senhor concedeu “liberdade de escolha”. Nosso progresso moral e espiritual depende do emprêgo que fazemos dessa liberdade.

Com a mais tocante oração já oferecida, Jesus rogou por seus discípulos, na noite em que enfrentou o Getsêmane dizendo a seu Pai:

“E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo e eu vou para ti.

“Dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo.

Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal”. (João 17:11, 14-15).

E não orou só por seus discípulos, como também disse:

“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua (dos discípulos) palavra hão de crer em mim”. (João 17:20).

Neste texto fica bem claro o propósito divino para a existência do homem nesta provação mortal. É o propósito expressamente declarado pelo Pai Eterno a suas inteligências irmãs no Livro de Abraão, como segue:

“...faremos uma terra onde estes (as inteligências organizadas) possam morar;

“E os provaremos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar”; (Pérola de Grande Valor, Abraão 3:24-25).

Portanto, nosso lugar neste mundo foi divinamente indicado. Não devemos ficar fora. O próprio Cristo orou para que dele não fôssemos afastados.

Não pode haver dúvida de que as guerras e ciências materialistas tiveram efeito mortífero sobre a sensibilidade moral de grande número de jovens. Um crítico chega mesmo a dizer que “O interesse próprio situa-se como objetivo único e o prazer como o fim único da vida”.

É dever dos pais e da Igreja não apenas pregar mas também demonstrar à juventude que a vida de verdade e pureza traz contentamento e felicidade, enquanto que a violação das leis morais e sociais resulta apenas em descontentamento, pesar e, quando levada às últimas conseqüências, degradação.

O homem tem uma natureza dupla — uma voltada para a vida terrena ou animal; outra, a vida espiritual, análoga ao divino. O corpo do homem não passa do tabernáculo em que seu espírito habita.

Muitas pessoas, demasiado número delas, estão propensas a considerar o corpo como o homem e, conseqüentemente, à orientar seus esforços no sentido da satisfação sensual, seus apetites, desejos e paixões. Pouquíssimas reconhecem que o homem real é um espírito imortal, cuja “inteligência, ou luz da verdade” era animada como ser individual antes que o corpo fôsse formado e que essa entidade espiritual, com todos os seus distintivos, persistirá após o corpo cessar de reagir ao seu ambiente terreno.

Depende do tipo de escolha que o homem faz diariamente, melhor ainda, das escolhas que faz em cada hora da sua vida, se satisfazer-se-á com o que chamamos mundo animal, satisfeito com o que o mundo animal lhe dará, cedendo sem resistência ao capricho dos apetites, desejos e paixões, afundando-se cada vez mais na sensualidade; ou se, por meio do auto-domínio, elevar-se-á em direção às satisfações intelectuais, morais e espirituais.

“O homem tem dois criadores”, diz Wiliam George Jordan, “seu Deus e êle próprio. O primeiro Criador provê a matéria-prima — as leis em conformidade com as quais pode fazer da vida o que deseja. O segundo criador — êle próprio — possui extraordinários poderes e raramente os reconhece. É o que um homem faz de si mesmo que conta”.

Não precisamos fechar os olhos ao fato de que um número demasiado grande de nosso jovens reage ao apêlo do físico porque isto parece a coisa mais natural e fácil de se fazer. Muitos estão procurando em vão caminhos mais curtos para encontrar a felicidade.

Deve-se sempre manter em mente que aquilo que é mais valioso na vida requer esforços extenuantes. Quando um homem busca algo por nada e evita esforços, não está em condições de resistir à tentação.

É grande demais o número dos que preferem entregar-se aos prazeres do plano animal inferior de preferência a lutar pelas coisas mais elevadas da vida. As pessoas que subordinam sua vontade aos apetites sofrem as penalidades correspondentes.

Charles Wagner, em “The Simple Life”, analisou os que colocam a vontade a serviço de seus apetites: “Eu tenho estado atento ao que a vida diz e registrei, enquanto as ouvia, algumas verdades que ressoam por todos os lados. Terá o beber, com tôda a engenhosidade empregada na criação de novas bebidas, encontrado uma forma de saciar a sêde? Absolutamente, não. Pode, ao contrário, denominar-se a arte de tornar a sêde insaciável. A libertinagem aberta amortecerá o agulhão da carne? Não, ela o envenena, converte o desejo natural numa obsessão mórbida, tornando-a paixão dominante. Permita que seus apetites o dirijam, alimente-os e ve-los-á multiplicar-se como insetos ao sol. Quanto mais lhes conceder, mais exigirão. É insensato o que busca felicidade na prosperidade material pura e simples”.

Relata-se que um imperador romano ofereceu um prêmio a quem pudesse inventar um nôvo tipo de prazer. Nero incendiou Roma pela mera satisfação da novidade. Roma caiu por causa da extravagância, luxúria e dissipação. Na vida pessoa, assim como na vida nacional, êstes são sinais infalíveis de declínio e decadência.

Verdadeiramente —

“O que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, no Espírito ceifará a vida eterna. (Galatas 6:8).

Em seu anseio por divertir-se, os jovens são freqüentemente tentados a entregar-se a coisas que apelam apenas para o lado mais vil da humanidade, das quais as cinco mais comuns são:

- (1) Vulgaridade e obscenidade;
- (2) Bebidas e uso de narcóticos e agora essa droga perniciososa — o LSD (ácido lisérgico) especialmente entre jovens;

- (3) Impudícia;
- (4) Deslealdade; e
- (5) Irreverência.

É bom, na realidade é essencial, à felicidade de nossos jovens, que se reúnam em festas, mas torna-se evidência de baixa moral quando, para divertimento, êles recorrem a estímulos físicos e degradação. Essas concessões enfraquecem e degradam o caráter; desacreditam o nome familiar; roubam a futura espôsa ou o futuro marido de um tesouro sem preço e lançam sementes que resultarão em suspeitas conjugais, infelicidade e divórcio.

Uma moça que sacrifica o respeito próprio em troca da popularidade social, avilta a verdadeira feminilidade. Um caráter incorrupto, baseado na capacidade de dizer “não” na presença dos que zombam e escarnecem, é digno de respeito e do amor de homens e mulheres cuja opinião seja extremamente valiosa.

O beber, usar narcóticos e freqüentar reuniões obscenas cria aquêlo ambiente no qual o senso moral se embrutece e as paixões desenfreadas campeiam. Torna-se fácil, então, dar o último passo para a desgraça moral.

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não há senão um padrão moral. Nenhum rapaz tem quaisquer direitos mais que as moças de entregar-se aos desvarios da mocidade.

Aquêlo que é impuro na juventude é indigno da confiança nêle depositada pelos pais da moça e aquela que não é casta é infiel para com seu futuro marido e lança os fundamentos da infelicidade no lar, discórdia e suspeitas.

Não levem em consideração êsses professôres que incentivam a promiscuidade e a auto-degradação. Mantenham apenas em mente esta verdade eterna, que a castidade é uma virtude a ser prezada como uma das maiores conquistas da vida.

Nestes dias em que a modéstia é tomada como coisa do passado e a castidade é tida como virtude ultrapassada, eu apelo aos pais em especial, e a meus colegas, os professôres, tanto dentro como fora da Igreja, para que ensinem a juventude a manter suas almas imaculadas e livres dêstes e de outros pecados aviltantes, cujas conseqüências os ferirão intimamente, até que sua consciência fique embrutecida e êles se tornem sórdidos.

Uma vida casta, não uma vida dissoluta, é a base da masculinidade viril. E o teste da verdadeira feminilidade é que uma mulher se erga inocente ante o tribunal da castidade. Tôdas as qualidades são coroadas por esta preciosíssima virtude. É a parte mais fundamental do alicerce de um matrimônio feliz e a fonte da força e perpetuidade da raça.

Saúde, felicidade, paz interior e caráter advêm da autodisciplina. A única coisa que torna o homem superior ao animal é sua posse dos dons espirituais. A existência terrena não passa de um teste para ver se os indivíduos concentrarão seus esforços, sua mente e alma nas coisas que contribuem para a satisfação dos instintos físicos ou se farão da aquisição de qualidades espirituais o anseio e propósito de sua vida.

Todos os esforços do Salvador foram envidados no sentido de implantar na mente pensamentos retos, obje-

(Conclui na página 34)



Desenvolvimento Pessoal

através da Sociedade de Socorro

Gordon B. Hinckley

do Conselho dos Doze

(Palestra proferida na Reunião das Juntas de Estaca,
na Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro
em 29 de setembro de 1966).

Acabo de chegar do templo, onde tive uma maravilhosa reunião de preparação para a conferência, com o Presidente David O. McKay, que durou cinco horas.

Espero que o Senhor me inspire com a continuação do extraordinário espírito que sentimos em sua sagrada casa nesta manhã.

Sister Spafford pediu-me que falasse sobre o assunto — “O Desenvolvimento da Mulher através da Sociedade de Socorro”. Acho que ela foi levada a honrar-me com esse pedido devido às coisas que viu há pouco no Extremo Oriente — em Hong Kong, nas Filipinas, Formosa, Okinawa, Japão e Coréia. Sei que ela teve o coração tocado ao encontrar os bons santos daquelas partes estranhas e distantes da terra, onde viu tantas mulheres para as quais a vida é uma luta tão desesperada, cuja vida é um desolado suceder de partos, de lutas sem tréguas para obter alimentos que matem a fome de seus filhos, que labutam em trabalho degradante de sol a sol, sem o benefício de um dia de descanso, numa sociedade que atribui pouca dignidade à posição de esposa, de lares superlotados, nos quais existem poucas das conveniências que conhecemos, senão nenhuma, e onde, acima de tudo, há exígua possibilidade de progresso ou desenvolvimento pessoal. As condições de algumas mulheres são melhores do que as mencionadas, mas as de muitas são ainda piores e mais negras que o quadro que pinte.

E, então, assistir, em contraste, os extraordinários milagres que ocorrem com elas quando a luz do evangelho toca suas vidas e as bênçãos da Sociedade de Socorro trazem novos conhecimentos, ambições e esperança! Sua situação econômica pode não se alterar substancialmente, mas o que muda são as perspectivas. A vida torna-se mais que a sobrevivência; enche-se de propósito. É impossível testemunhar essas coisas sem reconhecer que os dias dos milagres não passaram; muito pelo contrário, o dia dos milagres é hoje, e se seguirá de um dia de maravilha ainda maiores quando a influência da Sociedade de Socorro se tornar mais amplamente sentida no mundo.

Voltei a ler há pouco tempo nos jornais aquelas portentosas palavras de Joseph Smith às mulheres da igreja em Nauvoo, em 1842: “Eu agora giro a chave em seu benefício, no nome do Senhor, e esta sociedade se rejubilará e fluirão conhecimento e inteligência dêste dia em diante”.

Quero prestar meu testemunho que vi um cumprimento dessas palavras proféticas. Presenciei-o na terra do Oriente, ao observar as mães saírem da desesperança e da luta sem tréguas para florescer numa renovação de vida, ao serem abertas diante delas as luzes de novos interêses. Assisti-o na Europa, quando mulheres sem qualquer compreensão aparente do propósito da vida despertaram para um novo entendimento do que poderiam realizar sob o programa dessa inspirada organização. E vi-o também na América, entre mulheres que foram criadas com as graças sociais e uniram-se a companheiros escolhidos, cuja natureza torna-se mais refinada ao estudarem juntas, expandindo seu conhecimento das coisas de Deus, lendo e ponderando sobre sua obra.

Eu reconheço que não posso tornar mais claro o conhecimento que vocês já possuem das bênçãos que resultam da participação ativa, mas espero que, de alguma forma, possa aumentar sua apreciação pelo desenvolvimento que advirá a qualquer mulher que aceita o desafio das responsabilidades da Sociedade de Socorro. Por isso, gostaria de analisar brevemente quatro grandes campos de oportunidade abertos para as irmãs em todo o mundo através dêste extraordinário programa. São eles:

1. Fortalecimento do lar
2. Enriquecimento da mente
3. Sujeição do eu
4. Nutrição do espírito

Fortalecimento do lar

É comum ouvir-se que os alicerces do lar estão abalados. Isto é evidente não apenas nos Estados Uni-

dos. Os frutos amargos da delinqüência, desordem e desrespeito à lei são assunto de discussão na Inglaterra, em várias partes da Europa, na Rússia, na China e no Japão.

As pessoas em geral, no mundo todo, são o produto dos lares de que provêm. É nêles que o pensamento se molda e se plasma o caráter. Se houver sobriedade nos lares, haverá sobriedade no país. Se houver rebelião nos lares, haverá desordem na nação. É ocioso dizer-se que o fator mais importante no condicionamento do lar é a mãe. Sua estrutura pode ser simples ou complicada. Isto não tem muita importância, de um modo geral. É o espírito, dentro daquela estrutura, que tem significado extremo e o espírito é comumente reflexo da mulher que ocupa a posição de espôsa e mãe.

Que bênção para uma mulher, seus filhos e marido, se sua vida fôr tocada pela companhia de boas amigas, que aprendem também a ampliar sua habilidade na direção do lar e da família.

Durante muitos anos os recursos desta grande organização têm sido usados para ampliar os dotes de dezenas de milhares de mulheres em culinária, confecção e cuidado de roupas, preservação de alimentos, medidas sanitárias, cuidado de doentes e outras artes domésticas. Tenho visto os frutos desse programa na fabricação de sabão em quintais, por mulheres que não podiam comprá-lo e que antes mal haviam empregado esse precioso produto; na confecção de colchas de retalhos extraordinariamente lindas por havaianas que não só puderam abrigar melhor sua família como também fizeram reviver uma arte relegada ao esquecimento e que havia sido aperfeiçoada pelos seus ancestrais; na criação de artigos belos e úteis, para embelezar o lar e aumentar seu conforto, como o fazem as irmãs das ilhas, no Pacífico Sul; na criação de grande variedade de coisas belas, pelas talentosas senhoras da Sociedade de Socorro chinesas, japonesas e coreanas.

Tudo isto — e centenas de outras habilidades — representaram muito para o conforto e beleza dos lares dirigidos por essas mulheres afortunadas. Mas existe um fator mais sutil e mais importante no fortalecimento das famílias de nossos membros. É uma qualidade intangível, o cultivo de uma atitude que eleva a mulher de uma condição de descontentamento, coroando-a com virtudes elevadas — sacrifício, compreensão e integridade. Isto, por sua vez, reflete-se na vida de seus filhos.

Estou convencido de que o decréscimo dessas virtudes no mundo é responsável em grande escala, pela deterioração da lei e da ordem entre a juventude de muitas nações.

Graças ao Senhor por esta grande organização que treina as mulheres da igreja — onde quer que a aceitem — não apenas para embelezar sua casa, mas, o que é mais importante, para fortalecer o espírito e a influência do lar.

Em 28 de abril de 1842, Joseph Smith, falando ao primeiro grupo da Sociedade de Socorro admoestou: "Indo para casa, nunca pronunciem palavras amargas... mas deixem a bondade, caridade e amor adornar seu trabalho de agora em diante..."

As mulheres da igreja, as mães e guardiãs de nossas famílias, eu recomendo essas palavras de conselho.

Passo agora ao segundo grande campo de oportu-

nidade de desenvolvimento pessoal através da Sociedade de Socorro:

Enriquecimento da mente

A literatura inglesa foi o assunto que mais estudei nos cursos pré-universitários, portanto, houve um tempo em que tive alguma compreensão sobre ela. Minha espôsa é há já alguns anos professora de literatura da Sociedade de Socorro da Estaca e eu tive oportunidade de ver de perto a profundidade de seus cursos neste campo. Tenho a impressão de que ela trabalha muito mais para preparar sua aula mensal que eu para meus exames, naquela época, e estou certo de que as demais professoras fazem o mesmo em todo o mundo.

Na minha opinião não é pequena maravilha o fato de as mulheres de qualquer parte desligarem-se um pouco da monotonia de cozinhar, limpar e lavar para absorverem-se nos pensamentos dos grandes autores de todos os tempos. A vida da dona de casa, não importa em que país viva, tende a tornar-se estreita e absorvida pelas tarefas rotineiras do preparo de refeições, lavagem de pratos, conservação de roupas e milhares de outros encargos para além das quais a maioria delas nunca estende o olhar. Que coisa extraordinária as mulheres receberem a oportunidade e o incentivo de ganhar gosto pela beleza e a amplitude da obra de Shakespeare, esforçando-se por compreender o significado profundo de uma poesia de Emerson, vislumbrando os pensamentos e sonhos de pessoas fascinantes, cujos nomes elas jamais haviam tido a oportunidade de ouvir.

Disse alguém: "As mulheres têm cérebro. Só que não usam".

Que bênção as senhoras da Igreja terem possibilidade tão interessante de enriquecer a mente. Tanto elas como seus maridos e filhos beneficiam-se desse esforço.

Minha espôsa e eu entramos um dia numa classe do velho edifício que a igreja alugava antigamente em Taipei, na República da China. A sala era fria e a mobília parca. Um grupo de irmãs da Sociedade de Socorro estudava uma lição. Nós não podíamos compreender o chinês que falavam, mas percebia-se pelo aspecto de suas faces inteligentes o que se passava.

Elas estavam pensando, e crescendo — essas extraordinárias e amadurecidas mulheres chinesas cujas mentes se abriam ante novas perspectivas de grandes pensamentos e idéias, de grandes experiências.

Eis aqui uma das virtudes singulares de sua organização — esta oportunidade de enriquecimento da mente. Bem declarou o Profeta, em 1842: "...e esta Sociedade se regozijará, e conhecimento e inteligência fluirão a partir de agora..."

Passo então ao item número três de minha tese:

Sujeição do Eu

Apropriadamente a Sociedade de Socorro escolheu como lema a irrefutável declaração de Paulo, "A caridade nunca falha..." (I Coríntios 13:8).

O egoísmo é a maldição do mundo. É a raiz dos males pessoais, familiares, nacionais e internacionais. Seu melhor antídoto é o evangelho de Jesus Cristo, vivido e praticado.

A fórmula que haveria de curar a maioria de nossas enfermidades está estabelecida simplesmente, mas de forma profunda, nas palavras do Senhor:

“...o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós...” (Mateus 7:12).

“...Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22:37-39).

“Porque qualquer que quizer salvar a sua vida perde-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará”. (Marcos 8:35).

Conquanto as mulheres sejam mais propensas, por natureza, a ser bondosas, compreensivas e compassivas, não se precisa ir muito longe para reconhecer que essas virtudes tornam-se facilmente embotadas e talvez não encontrem expressão sem o tipo de motivação que vem através da Sociedade de Socorro. Esta é a organização da igreja cujo objetivo principal é o atendimento dos que sofrem e o resultado infalível é que, ao esquecerem-se de si mesmas no serviço de outros, as mulheres desenvolvam inevitavelmente as grandes virtudes que coram sua vida com santidade.

Eu conheço uma mulherzinha num país do Extremo Oriente, viúva de um homem em cuja vida o evangelho havia operado um milagre. Ela vivera sempre à sombra do marido, segundo o costume oriental. Quando ele morreu, ela teve que defrontar-se com encargos tremendos. Poderia ter desistido, em desespero de causa. Nessa época foram acrescentadas as suas muitas responsabilidades o encargo de trabalhar na presidência da Sociedade de Socorro do ramo. Ao sair para atender os necessitados, descobriu que outros tinham seus problemas também. Enquanto os ajudava em suas dificuldades, sentiu que os próprios infortúnios se tornavam menores. Uma nova inspiração nasceu em sua vida. Ela cozinhava e lavava para os outros, inclusive para os missionários. Confortava os que sofriam e encorajava os que estavam para desistir. Cuidava dos doentes. E com a nova compreensão obtida no trabalho da igreja, descobriu novas oportunidades para seus filhos. De uma forma ou de outra conseguiu que dois deles cursassem as grandes universidades e um serve hoje em missão da igreja, com eficiência e fidelidade. Ela que aparentava ser tão tímida e desolada na hora da tragédia, revelou uma grande força através do desafio das responsabilidades nesta Sociedade.

Será sempre assim com todas que, sob o programa desta organização, empenharam-se em obras de caridade. O egoísmo será sobrepujado, florescendo uma virtude tal que abençoará seus lares e famílias, bem como as comunidades a que pertencem.

Agora, finalmente, falaremos de:

Fortaleça...

(Conclusão da 2.^a capa)

a juventude. Líderes adultos precisam compreender os sentimentos dos jovens, para poderem influenciar-lhes a conduta.

VIII. Perguntas e respostas abrem o caminho

Se você formula uma pergunta, aceite a resposta

Nutrição do espírito

Impressionou-me sempre uma declaração feita por Paulo em uma de suas grandes cartas a Timóteo. Ele escreveu: “Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti”. (II Timóteo 1:5).

Aqui está a história de uma mulher de fé, cuja filha tornou-se também mulher de fé e cujo neto veio a ser um grande mestre de retidão. Suponho que não havia uma Sociedade de Socorro organizada naqueles dias, mas sei que esta mesma seqüência de fé herdada tem se repetido milhares de vezes nesta dispensação.

Há apenas alguns dias colocamos um nôvo homem na presidência da estaca. Em suas palavras de apresentação, com lágrimas nos olhos, ele prestou tributo humilde mas eloqüente a sua mãe, que lutara pela vida com a família, num lugarejo de Idaho e, ainda assim, encontrava tempo para servir nesta Sociedade, na qual recebia alimento para sua própria fé. Ela havia transmitido aquela fé ao filho. Ao encerramento da reunião, encontrei a irmã casada daquele homem e vi outra geração crescendo na fé, através da atividade na Sociedade de Socorro.

Nenhuma mulher pode juntar-se por muito tempo às senhoras da Sociedade de Socorro, trabalhar com elas, elas, orar em conjunto, ouvir seus testemunhos e estudar com elas a palavra do Senhor, sem crescer na fé.

Encontrei uma mulher há não muito tempo, numa outra conferência de estaca. Ela é membro ativo e hábil mulher de negócios. Tem um testemunho fortíssimo. Ainda que não oficialmente, é uma verdadeira missionária, procurando interessar outros na igreja. Há pouco tempo ela era uma fumante inveterada, sofisticada, dura, insatisfeita e desiludida da vida. Ela atribui a dois fatores a miraculosa transformação que lhe sucedeu — ler o Livro de Mórmon e atividade na Sociedade de Socorro — o Livro de Mórmon que deu origem a sua fé e a Sociedade de Socorro que a nutriu.

Esta é então uma organização, a melhor que existe para mulheres, na qual podem usufruir de amizades e empenhar-se em atividades que levam ao fortalecimento do lar, enriquecimento da mente, abnegação e alimentação do espírito.

Que o Senhor as abençoe nas grandes oportunidades que se abrem ante seus olhos como líderes de estacas, no encorajamento de suas irmãs, em toda a igreja, a fim de que usufruam das vantagens do programa desta Sociedade — que nasceu sob a inspiração do Profeta para o benefício das mulheres em toda a terra — eu oro humildemente, enquanto lhes deixo meu testemunho da divindade deste trabalho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

que obtém. Se tiver a felicidade de ser inquirido, conceda cuidado e consideração à resposta. Mas não use palavras em demais, por favor. Sua atenção para com o jovem desenvolverá nele a auto-estima e fortalecerá também a ponte de compreensão entre o adulto e o adolescente.

Lamentavelmente, não tem havido controvérsia nem debate sobre o Livro de Mórmon entre as pessoas qualificadas para empreender uma investigação comparativa, mas apenas um mudo acôrdo de ignorar.

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XV - O Problema dos Três Documentos

(Continuação do Capítulo Anterior)

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

A Bíblia, os Manuscritos e o Livro de Mórmon

(33) Entrementes, todos os homens estão sendo testados: ambos os ensinamentos salientam bastante a natureza dualista dêste período de provação, no qual "deve haver... uma oposição em tôdas as coisas". (2 Nefi, 2:11) (34) Nestas e em outras coisas, ambos os corpos de escritura demonstram uma peculiar afinidade com os escritos de João. (35) As duas sociedades persistentemente designam-se "os pobres", salientando assim a sua posição de rejeitados. Isto é notavelmente ilustrado no Livro de Mórmon, num episódio da missão de Alma.

Quando uma grande multidão juntou-se na vertente de uma colina fora de uma certa cidade para ouvir a pregação de Alma, um dos seus líderes informou Alma que aquelas pessoas eram em grande parte rejeitados sociais, "...pois são desprezados por todos, devido à sua pobreza e são principalmente desprezados pelos sacerdotes, pois que nos expulsaram das sinagogas, em cujas construções trabalhamos com as nossas próprias mãos; e nos expulsaram devido à nossa extrema pobreza; e não temos lugar para adorar nosso Deus; que devemos fazer?" (Alma 32:5). É entre pessoas dêsse tipo, que sofriam o desprezo total das classes superiores e dos sacerdotes que Alma vai recrutar membros para a sua sociedade.

O fato curioso aqui é que diversos estudos recentes chegaram à conclusão de que a misteriosa extinção da civilização maia foi provocada exatamente por um fenômeno dêsse tipo, de exclusão das massas da participação na vida dos grandes centros religiosos. As cidades maias não eram "cidades em nosso sentido da palavra", explicam-nos, mas "centros de ritual em que o povo se reunia para festivais, mas onde ninguém vivia. Sacerdotes e nobreza habitavam os arrabaldes e o povo em povoados dispersos".²³ Chegou o tempo em que "um por um os grandes centros cerimoniais... foram desertados. Em alguns o fim veio tão abruptamente que certos edifícios foram abandonados inacabados..." E, no entanto, "os camponeses pareceram ter permanecido em suas habitações". Que poderia ter sucedido? "A explicação mais lógica", escreve J. E. S. Thompson, "é que a antiga cooperação entre

camponeses e hierarcas cessou e que os camponeses revoltaram-se e expulsaram ou massacraram a pequena classe governante de nobres-sacerdotes e seus auxiliares imediatos.²⁴ No final, os pobres tiraram sua desforra sobre os arrogantes sacerdotes que os expulsaram dos lugares de cerimonial construídos com o labor de suas próprias mãos. Esta ocorrência parece ter sido fenômeno antigo no Nôvo Mundo, de forma alguma limitado aos maias de período recente. Alma descreve-o claramente.

Falando-se de cidades, o antigo ideal "de planejamento urbano" do Oriente Próximo era o da cidade de Uruk, "dividida em três seções iguais — urbana, jardins e pastagens — mais a área do templo". O mesmo sistema é evidente no Livro de Mórmon.²⁵ E isto nos conduz a outro tipo de paralelo. Pois, afinal, há uma boa quantidade de informação secular no Livro de Mórmon. Se os Pergaminhos do Mar Morto não passam (nas palavras do Professor Yadin) de uma minúscula janela" para o passado de Israel, o mesmo acontece com a Igreja dirigida por Alma, que era apenas um elemento de um quadro muito mais amplo, o qual exigiria bem maior número de frestas e muito mais antigas para poder ser contemplado na íntegra.

(36) Já analisamos em todo um livro o quadro que o Livro de Mórmon pinta da antiga vida no deserto — a cultura das tendas, as questões familiares, as vicissitudes e segredos de sobrevivência, o terreno do deserto, os hábitos dos nômades e caçadores etc. Muitos árabes autênticos leram a ambos, o Livro de Mórmon e nosso comentário e consideraram o primeiro convincente e o segundo não muito objetável. (37) Há depois a Liahona, instrumento tão estranho quanto se possa imaginar, mas completamente apoiado por recentes estudos das antigas setas divinatórias que costumavam guiar os hebreus e árabes em suas peregrinações. De fato, Tha'labi, talvez o mais extraordinariamente bem informado de todos os autores árabes, fala de uma tradição hebraica de que Moisés conduzira os filhos de Israel através do deserto com o auxílio de uma dupla flecha montada sobre a extremidade de seu cajado, que servia como guia.²⁶ (38) Às diversas cenas do deserto retratadas nos sonhos de Lehi, acrescentamos nos presentes artigos o indício da água imunda — outra ima-

gem curiosa e perturbadora, mas completamente substanciada na literatura apócrifa.

Um movimento migratório muito mais antigo que o de Lehi, conforme registrado no Livro de Mórmon, coloca-nos face a face com (39) o ambiente épico e sua tradição de literatura heróica, primeiramente trazida à luz como realidade histórica por Chadwick na década de 30, e que, como se demonstrou em detalhes, é retratado de forma vívida e completa no Livro de Éter. Isto é fonte para pelo menos um bom número de paralelos, mas eles serão aqui considerados no todo, destacando-se apenas o caso (40) dos estranhos navios dos Jareditas, que pode encontrar paralelo nas mais antigas tradições do Dilúvio e o (41) das pedras brilhantes com as quais eram iluminados, que se compararam à Liahona em extranheza, mas são bem atestadas pelos mais antigos registros da raça humana.²⁷

No aspecto técnico poder-se-ia mencionar (42) o crescente reconhecimento do uso do aço pelos antigos, já que nada era mais ridicularizado em dias antigos que a menção do Livro de Mórmon sobre o aço. Particularmente o arco de aço Nefi, outra extraordinária curiosidade, parece encontrar seus similares entre os contemporâneos de seu possuidor.²⁸ (43) Nos últimos dez anos muito se tem descoberto a respeito da surpreendente profusão com que os antigos americanos empregavam cimento, concreto e gipsita em suas construções; eventa-se atualmente a hipótese de que os detalhes superabundantes, os relevos extremamente altos e a tendência de arredondar todos os ângulos, característica da antiga arquitetura americana, são resultado direto do trabalho naquele material maleável.²⁹ (44) Foi necessário um especialista em modernas técnicas de computadores para descobrir que o sistema monetário que o Livro de Mórmon afirma terem os nefitas adotados, como o mais eficiente que puderam elaborar, é na realidade o sistema que requer o menor número de moedas para atender a grande número de transações.³⁰

(45) Tantos registros antigos sobre folhas de metal vieram à luz em anos recentes que é difícil compreender hoje que a simples idéia de um livro em placas de ouro foi considerado o absurdo número um do Livro de Mórmon durante gerações. Poder-se-ia mencionar a tradução de mais placas de ouro de Dario, que surgiram pela primeira vez em 1951, já que o conteúdo das mesmas é uma mistura de história e relatos piedosos, muito à maneira do Livro de Mórmon.³¹

Mas, de todos os laços possíveis entre o Livro de Mórmon e o Velho Mundo, o mais impressionante, por todos os aspectos, em nossa opinião é (46) o paralelismo exato e completo entre o longo rito de coroação descrito no Livro de Mosiah e o “modelo” do Oriente Próximo, conforme reconstituído através do tempo pelos “padronizadores” de Cambridge. Imagine-se um rústico aldeão americano de 1829 dando sua versão daquilo que seria uma antiga cerimônia de coroação — o que precisava ser feito e dito, como e por quem? Apresente a pergunta a qualquer universitário ou mestre em humanidades hoje em dia e veja o que obterá. Aos recentes pronunciamentos da “escola de Cambridge”, que se conformam tão perfeitamente com a longa descrição da entronização de Mosiah, poder-se-ia acrescentar outro pequeno e curioso detalhe de confirmação. No décimo século DC, Nathan, um sábio judeu que vivia em Babilônia, teste-

munhou a entronização do Príncipe do Cativo, efetuado pelos judeus em exílio, como lembrança das glórias de seu reino perdido. Já que nenhuma coroação comum é descrita na Bíblia e os ritos aqui apresentados enquadram-se no modelo habitual de uma coroação do Oriente Próximo, temos um quadro bastante aceitável do que seria uma coroação em Israel nos dias de Lehi.³²

O novo rei é escolhido pelos anciões na quinta-feira precedente a sua coroação. Esses anciões também tomam parte na cerimônia do Livro de Mórmon, apesar de não figurarem nos arranjos que precederam a coroação, no Livro de Mosiah, porque este era um caso invulgar em que o velho rei ainda vivia — é ele que designa e coroa seu sucessor. Todo o povo, “grandes e pequenos”, é então convocado à real presença, sendo requerido de cada um os mais preciosos presentes a seu alcance. Em retôrno o Príncipe do Cativo é o entretenido com uma grande festa de abundância. No dia anterior à coroação havia sido erigida uma elevada torre de madeira (*migdol*). Ela foi recoberta por pintores precisos, ocultando um côro bem treinado de jovens nobres que, sob a direção de um chantre conduzia a congregação em hinos e antifonas, na preparação para o aparecimento do novo rei. Isto explica como, à coroação de Mosiah, todo o povo podia responder ao rei em uma só voz — era o comum e muito praticado *acclamatio* do mundo antigo. Assim, sendo, o condutor dizia: “O fôlego de todos os visitantes...” ao que o côro respondia “...abençoará teu nome”, continuando até atingir a passagem conhecida como o Kedusha, quando a multidão inteira se juntava nas palavras familiares. Após isto, todo o povo sentou-se.

Quando se concluíram os preparativos preliminares, o rei, que até então permanecera invisível, apareceu sensacionalmente no alto da torre, a qual sustentava apenas três tronos vazios, antes de sua aparição. À sua vista todo o povo se ergueu e assim permaneceu



O presidente Nathan Eldon Tanner, da Primeira Presidência, examina uma antiga urna das Cavernas de Qumram, recentemente obtidas pela Igreja através do Museu Arqueológico da Palestina.

até que êle se sentasse, sendo seguido após alguns momentos pelo principal da Academia de Sura, que se sentou num trono à sua direita, se bem que apartado dêle por um pequeno espaço, e pouco depois pelo principal da Academia de Pumbeditha, que se sentou à sua esquerda. Esta, naturalmente, é a imagem dos “três homens” que representam Deus na terra — um conceito do Livro de Mórmon, como já salientamos anteriormente.

Entretanto, apenas sôbre a cabeça do rei pairava o esplêndido baldaquino ou tenda real — pois, como ocorre no Livro de Mórmon, o rito da coroação é essencialmente uma cerimônia a céu aberto. O chantre, que fôra mestre-de-cerimônias desde o princípio, entra então sob o pátio e confere as bênçãos reais sôbre o nôvo rei. No Livro de Mórmon, o velho rei que ainda vive é quem faz tudo isto, tendo ainda a direção geral da reunião. E porque a bênção não pode ser ouvida pela vasta multidão, o côro de jovens, postado atrás do trono proclama “Amém!” em alta voz, ao seu final, para significar a aprovação geral.

Chega então a hora do grande discurso real, o nôvo rei cedendo a vez ao principal da Academia de Sura, que, por sua vez, cede, cortesmente, ao principal da Academia de Pumbeditha, “demonstrando êles, assim, deferência um pelo outro” e indicando sua perfeita união de intenção e propósito. O discurso é apresentado à maneira de mensagem dos céus, o orador “expressando-se com reverência, fechando os olhos e envolvendo-se com seu taletê...” O povo mantém-se dominado pelo silêncio, em respeito à ocasião: “Não havia na congregação um só que abrisse a bôca, ou murmurasse ou emitisse qualquer som. Se êle (o orador) percebesse que qualquer um falara, abriria os olhos e o terror cairia sôbre a congregação.

O discurso real foi seguido imediatamente por um interrogatório, no qual o rei formulava perguntas ao povo, que lhe responderia na pessoa de um venerável ancião “cheio de sabedoria, compreensão e experiência”. Então, o chantre (Benjamim) pronunciou uma bênção sôbre o povo com as palavras especiais “Durante a vida de nosso príncipe, o exilarca, e durante a vossa vida e durante a vida de tôda a casa de Israel”. Esta é a fórmula típica de Ano Nôvo e aniversário que sempre faz parte de uma coroação. Depois chantre abençoou o rei e seus dois conselheiros e procedeu à chamada formal do povo — êsse é o recenseamento formal descrito em Mosiah. Enquanto a multidão ainda estava em pé, o chantre passou o livro da Lei ao nôvo rei, o qual leu para o povo o convênio que estavam fazendo. Quando o livro da Lei foi devolvido à arca, todos se sentaram e foram brindados com sábios discursos sôbre a Lei, principalmente com um feito pelo próprio rei. Depois disto o chantre novamente “abençoou o exilarca pelo livro da Lei!” e todos disseram amém. Após uma oração final, a multidão inteira voltou para casa.

O leitor pode constatar por si mesmo quão estreitamente êsses ritos se assemelham em substância e espírito à coroação de Mosiah. (47) Mas o aspecto mais extraordinário em tudo isto é a natureza do discurso real a respeito de govêrno. No Livro de Mórmon, Benjamim alude claramente aos ritos de coroação do Velho Mundo, nos quais o rei é tratado como Deus

sôbre a terra, recebendo as ricas oferendas e reverentes aclamações reservadas à divindade; e enfatiza também a obrigação real de assegurar vitória e prosperidade à terra. Conquanto reconheça o valor dessas coisas, dedica a íntegra de seu discurso a dar-lhes um significado diferente — as homenagens e ofertas são muito boas, mas destinam-se ao rei celestial, não a Benjamim, que é apenas um homem; vitória e prosperidade advirão forçosamente, mas não provenientes dêle próprio, mas de Deus.³³

Em um estudo denominado “A Recusa da Realeza como uma Característica de Autoridade Real no Velho Testamento”, K. H. Bernhardt demonstrou amplamente que desde os primeiros tempos era hábito que o rei de Israel apresentasse um discurso formal sôbre govêrno, durante sua coroação, no qual renunciava formalmente ao conceito de realeza conforme aceito por todo o resto do mundo antigo, especificando que era meramente um humilde instrumento nas mãos de Deus, o verdadeiro Rei. Assim sendo, Israel também adotava as formas prevaescentes do cerimonial de coroação do Oriente, atribuindo-lhes, porém, significado especial.³⁴ Isto é exatamente o que verificamos na entronização de Mosiah. Bernhardt retirou boa parte das evidências apresentadas do próprio Velho Testamento; entretanto, foi necessária a perspicácia de um erudito moderno para descobrir, em 1961, uma instituição e conceito que são claramente estabelecidos no Livro de Mórmon.

E, ao se mencionar conceitos de govêrno discordantes, deve salientar que ao tempo em que Lehi deixou Jerusalém, o Velho Mundo experimentava, como aspecto mais significativo do “Período Axial”, uma fragmentação fundamental entre duas filosofias de vida: a que excluía o sobrenatural — ou “do outro mundo” — de seus raciocínios e a que incluía, numa tentativa de explicar a experiência humana. Esta separação entre o que os gregos denominavam *Mântico* (inspirado, profético) e *Sófico* (naturalista, intelectual) deveria marcar a história do pensamento Ocidental para sempre, a partir de então. Ela dividiu a família de Lehi ao meio e assim transplantada para o Nôvo Mundo: (48) em nenhum outro lugar se encontram exposições mais claras e lúcidas de ambos os conceitos que no conteúdo do Livro de Mórmon.

Em suas páginas, êsse livro deixa entrever diversos costumes e tradições estranhos e desconhecidos, que só agora estão trazidos à luz. (49) Moroni, congregando as hostes, segue certamente um velho sistema judaico, pela primeira vez desvendado a nossos olhos pelo assim chamado *Pergaminho da Batalha*, com seus estandartes cheios de inscrições e lemas altissonantes e o rasgar dos mantos pelo povo. Por algum tempo se discutiu se a formação dos batalhões, no *Pergaminho Mi-lhamva*, não seria apenas a descrição imaginária de alguma hoste angélica do futuro, mas aceita-se hoje que os homens de Qumran efetivamente seguiram uma disciplina militar. (Continua)

NOTAS

23. J. E. E. Thompson, em Ed. Bacon (ed.), *Vanished Civilizations* (N. Y.: McGraw Hill, 1963), pág. 146.

(Conclui na página 15)

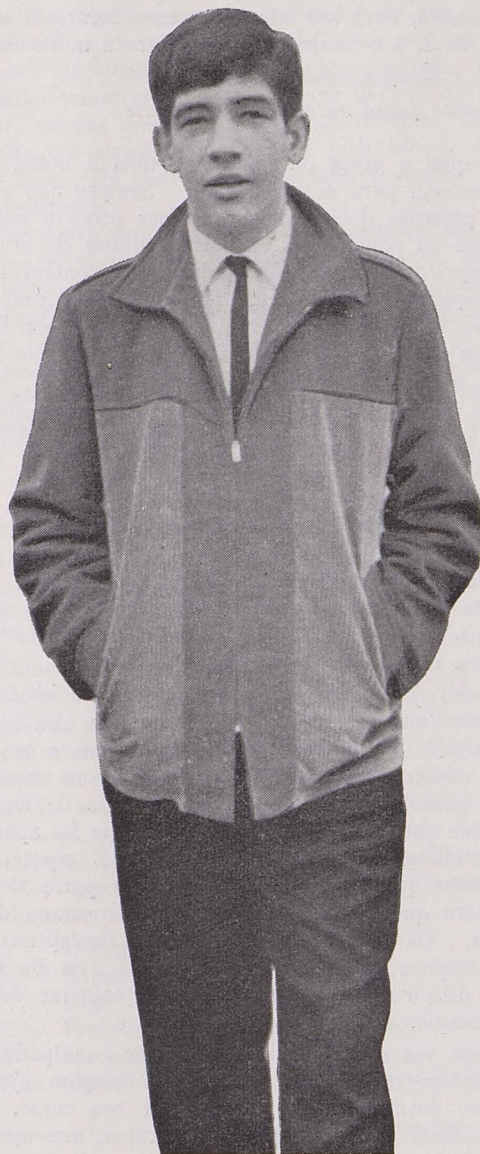


Foto de J. Condom

O Cavalheiro Indómito

W. Cleon Skousen

“Serenos” é a palavra que define os 18 anos. Sereno como um vulcão adormecido! Existem duas faces nesta personalidade.

Os pais do júnior terão notado que desde que ele se diplomou no curso secundário, assemelha-se muito mais a um adulto. Parece reconhecer que está construindo um mundo todo seu — o qual está a ponto de entrar em órbita. Ele sente que seus pais já sabem “que está chegando a hora”. Observa como lhe falam de igual para igual. Discute problemas familiares sérios na sua frente, por vezes mesmo pedindo sugestões. Parecem ter como certo que de agora em diante ele terá suas idéias próprias, a maioria das vezes, ganhando dinheiro, distribuindo seu tempo e empenhando-se em muitas atividades sociais com seus amigos. De uma forma ou de outra, já não parecem mais preocupar-se tanto com ele como antes.

Este, naturalmente, é o caso do “cavalheiro” de 18 anos. Alguns rapazes, entretanto, continuam ainda manifestando mais seu lado rebelde. O rapaz “selvagem” desta idade age às vezes como se as limitações da vida fossem uma sela que lhe tivessem atirado sobre as costas quando estava despercebido e rapidamente encilhada antes que se recobrasse. Para demonstrar seu ressentimento, ele dá pinotes, guincha, escoiceia e se agita. Sua mãe e seu pai terão de fazer um pouco de trabalho de domador, para convencer o júnior de que a evolução de sua personalidade está um tanto atrasada. Comentaremos mais a este respeito dentro em pouco.

Para a maioria dos rapazes, entretanto, os pais podem principiar diminuindo um pouco a pressão, agora que seu filho está com 18 anos. Mas, em primeiro lugar, é bom que se recordem de que esta idade envolve o rapaz numa grande quantidade de vagalhões, capazes de emborcá-lo. Do ponto de vista do júnior, os prospectos de futuro são inquietantes. Estão começando a esperar demais dele. Tem de tomar tantas decisões importantes! Escolher amigos, por exemplo. Sem nem ao menos perceber, ele pode envolver-se com a turma errada. As garôtas são um problema, também. Depois, tem o trabalho — deverá deixar o emprego de meio período dos dias de escola e procurar trabalho de período integral, ou ir para a faculdade, ou fazer o serviço militar?

O júnior sente-se escorregar para fora do lar. É fácil perceber também que está perdendo a segurança que sentia quando era apenas membro da família. Mãe Natureza segreda-lhe que no fim tudo dá certo, mas na escuridão da noite ele sente às vezes uma sensação de vazio no plexo solar. “Que vida dura!” ele se ouve exclamar.

Retrato de um rapaz de 18 anos

Na superfície, o rapaz de 18 anos é a epítome da independência e da confiança em si. Sua condição física é impressionante — forte, coordenada, muscular. Apesar de seu índice de perseverança ainda ser baixo, o tempo cuidará disso, como de muitas outras coisas.

Mentalmente, êle é alerta, analítico e capaz de uma sutileza de percepção que caracteriza o adulto maduro. Êle é bem astuto e difícil de enganar. Quer escolha um emprêgo, prepare-se para a faculdade ou vá para o exército, estará consciente de seus novos poderes intelectuais, que são às vèzes surpreendentes até mesmo para êle. Ocasionalmente descobre-se a dizer coisas bem inteligentes e fica impressionado com sua óbvia habilidade para fazer muitas coisas "tão bem quanto os adultos".

O traço particular do rapaz mediano de 18 anos é sua capacidade extraordinária de suportar pressão. Pelo menos é extraordinária em comparação com sua conduta anterior, quando por vèzes explodia ao menor cotucão. Esta capacidade de "absorção" patenteia-se freqüentemente no serviço militar, onde um rapaz pode passar de recruta inexperiente a soldado bem equilibrado com um curto período de treinamento intensivo. Sua evolução pode ser observada também na habilidade de lançar novas raízes numa universidade, onde precisará arranjar amigos, criar ambiente e aprender a estudar de acôrdo com um programa intensivo que o teria matado um ano atrás.

Ao mesmo tempo, o rapaz de 18 anos reflete uma maravilhosa constelação de traços positivos, que geralmente o transformam em companheiro formidável, bom funcionário e aluno dedicado.

O selvagem de 18 anos

Entretanto, sob os traços positivos da personalidade humana em rápida maturação, aos 18 anos, existe um substrato de lava derretida. É a fornalha do impulso humano, que o torna corajoso, aventureiro, independente e auto-suficiente. Se êsses poderes já tiverem sido disciplinados e domesticados surgirão na forma do "cavalheiro" de 18 anos. Por outro lado, se essas fôrças explosivas não tiverem sido sublimadas e orientadas para canais socialmente aceitáveis, podemos preparar-nos para pelo menos dois anos de erupção violenta. Por alguma razão, o rapaz desta idade que escapa da trilha normal de desenvolvimento apresenta uma baixa média de recuperação.

Como o rapaz de 18 anos é muito independente, pode conservar a tendência do ano passado de testar tôdas as barreiras e obstáculos sociais. Onde quer que encontre uma brecha, êle poderá arremessar-se para o outro lado como um potro selvagem. É tarefa dos pais fazer com que a barreira o contenha. Elas poderão ceder a uma nadinha, aqui e ali, como parte do jôgo de toma lá, dá cá, entre um rapaz e seus pais, mas nunca se deve permitir que desmoronem.

Se os pais não forem capazes de conter o rapaz, a comunidade deverá dispor de fontes adequadas para reconstituir rapidamente a linha de defesa. O júnior necessita compreender, desde logo, que pertence a uma sociedade organizada e que não apenas tem *direitos* — mas também *deveres*!

Talvez esta mesma coisa possa ser dita de forma diferente. A domesticação de um puro-sangue requer que êle primeiro aprenda respeito pela corda, depois pelo cabresto e finalmente pelo bridão. Sem êsse respeito, nem mesmo um puro-sangue pode ganhar a corrida. O mesmo se passa com o rapaz.

Ê comum um rapaz de 18 anos "fugir do cabresto", porque seus pais não conversaram com êle freqüentemente. Seu instinto concita-o a chegar tarde, para ver se consegue "se sair bem". Quando êle chega às 2 da manhã, deve ser advertido, caso contrário tentará chegar às 3, 4 e finalmente ficará fora a noite tôda.

O primeiro passo na carreira do crime

E qual a graça de ficar fora tôda a noite, a menos que seja para se fazer algo? Sempre que as barreiras paternas desmoronam, o rapaz procura testar as barreiras da polícia. E encontra milhões de cruzeiros em propriedades, na zona central, que contam apenas com pequena proteção, enquanto a cidade dorme. Êle deixa então seu senso de aventura justificá-lo em bancar o Robin Hood — "roubar dos ricos", diz êle "para ajudar os pobres" — ou seja, êle próprio!

Se fôr bem sucedido uma vez, tentará de nôvo. E assim arremeter-se-á contra as barreiras da polícia, até ser apreendido. De um momento para outro a "brincadeira de roubar" do júnior transforma-se num problema pessoal de grandes proporções, com conseqüências inesperadas.

Êle não compreende por que o apanharam. "Será que não entendem uma brincadeira?" Êle não tencionava nada de sério. "Os outros agem como se eu fôsse um criminoso!" protesta.

Como já salientamos anteriormente, é muito importante o que acontece ao júnior quando essa conduta criminosa é descoberta. A polícia, os pais e os juízes devem adotar uma atitude de firmeza, numa frente sólida e unida, para que o júnior aprenda de uma vez por tôdas que isto não é brincadeira. Êle foi apanhado na armadilha de sua própria tolice. E esperará ansiosamente qualquer sinal de pena da parte de seus pais, para que usem sua influência e livrem-no da enrascada. Os pais na verdade devem ter apenas uma pergunta para seu filho: "Foi você?" Se êle negar, devem dirigir-se às autoridades, para solicitar detalhes mais completos.

Uma vez certos de que o júnior é culpado, será bom demonstrarem que o amam e desejam ajudá-lo, mas que devem deixar a lei seguir seu curso. Isto pode representar um choque para o rapaz, mas aprender a ingerir êsse remédio é importantíssimo para seu amadurecimento.

E o serviço militar?

O serviço militar às vèzes é bom para um rapaz desajustado. Não porque o exército disponha de qualquer truque mágico para modificá-lo, mas porque êle entra para o serviço com uma *mudança de atitude*. É só isto que conta. Se não houver essa mudança, as encencas serão dobradas. Lá existem mais regras a quebrar, mais oportunidades para asneiras, mais tentações e, sobretudo, mais supervisão para apanhá-lo, se escorregar.

O "cavalheiro" de 18 anos pode fazer o serviço militar alistando-se como praça ou no CPOR, se estiver estudando. Cada um dos casos apresenta vantagens para certos rapazes.

Independentemente do tipo de serviço que um escolha, seu sucesso ou fracasso dependerá apenas da atitude que mantém. Na escola êle poderá ter ou não aprendido a importância do serviço militar. Os pais devem estar alertas para a possibilidade de que o júnior não reconheça a necessidade de lutar por seu país. Essa sua má disposição pode ter-se originado das desesperadas tentativas de seu pai para livrá-lo do serviço militar, ou das queixas de sua mãe de que "isto não passa de um atraso de vida para meu filho". Começando assim, êle pode atravessar todo o serviço militar com desagrado.

Por outro lado, um rapaz que cumpra seu tempo com um senso profundo de lealdade para com seu país e de orgulho pelo uniforme que usa pode tornar-se um soldado de valor e, como conseqüência, um grande cidadão.

Qualquer rapaz que viva sob uma bandeira de liberdade deve sentir orgulho de se preparar para defendê-la. Não é digno da liberdade o homem que não esteja disposto a protegê-la e nenhum homem poderá viver em paz se não estiver pronto a defender a santidade do lar e seus entes queridos da destruição.

Uma vez tendo adquirido uma sincera compreensão destes princípios, o rapaz poderá encontrar significado e propósito no serviço militar.

E a faculdade?

Como já foi mencionado, o problema de continuar os estudos e servir o exército pode ser resolvido simultaneamente, se um rapaz o desejar. Infelizmente, no entanto, muitos rapazes rejeitam esta oportunidade. Continuar os estudos é assunto que exige muitos cálculos e previsões em conjunto com o júnior, antes que atinja aos 18 anos. Suas decisões serão a maioria das vezes influenciadas pela atitude dos pais, professores e amigos. Os impecilhos que em geral se atravessam no caminho são:

- 1 — Dificuldades financeiras;
 - 2 — Relutância em abandonar um emprego bem pago e interessante;
 - 3 — Projeto de casar cedo;
 - 4 — Insegurança em deixar o lar.
- Não obstante, existem muitas razões dinâmicas e

persuasivas pelas quais um rapaz deve continuar os estudos, mesmo que toda a família tenha de fazer alguns sacrifícios e procurar convencê-lo.

1 — O salário inicial dos graduados em curso superior e muito superior aos maiores salários dos que não são;

2 — Sua capacidade de ganho aumenta com a idade. (Em geral, passa a atingir maiores rendimentos após os 50 anos, enquanto que o que não se gradua geralmente obtém seu melhor salário aos 40, começando depois a decair rapidamente);

3 — Os que se graduam no curso superior têm mais probabilidades de se tornar seus próprios patrões. (Oitenta e seis por cento tornam-se proprietários, gerentes ou executivos, enquanto que apenas dezesseis por cento dos não graduados conseguem essa posição).

4 — Mesmo estudantes de coeficiente de inteligência média podem duplicar seu potencial de ganho com treinamento superior.

Naturalmente, as possibilidades de melhores salários são apenas uma razão para se continuar os estudos. Já salientou um grande educador que o propósito da instrução é obter três tipos de poder:

O *poder* de pensar com clareza;

O *poder* de sair-se bem no trabalho;

O *poder* de apreciar a vida.

E o problema financeiro? Êste é um problema universal, mas resolvido com mais facilidade do que a maioria dos rapazes supõe. Dependendo do campo escolhido, muitos rapazes conseguem terminar a universidade sem ajuda dos pais. O que importa é *desejar* estudar.

Às vezes vale a pena trabalhar durante algum tempo, a fim de economizar o dinheiro para atravessar o primeiro ano sem precisar trabalhar. Isto porque o primeiro ano de universidade é o mais duro. É o ano em que o aluno descobre que precisa disciplinar-se para estudar 2 horas para cada 1 que permanecer em classe. Até que consiga estabelecer esta rotina, será difícil para êle conciliar trabalho e estudo. Não obstante, se necessário, poderá trabalhar. A chave do sucesso é a sede de conseguir instrução. Na presença de uma "febre de se graduar", quase qualquer problema se dissolve de alguma maneira.

A Partir de Cumorah (Continuação da pág. 12)

24. *Ibid.*, págs. 166-8.
25. C. Gordon, *Before the Bible* (N. Y.: Harper & Row, 1962), pág. 85; uma recente descoberta "do maior interesse". Confronte-se com Helamá 7:10.
26. Tha'labi, *Quissas al-Anbiyah* (Cairo, 1921). Êsse instrumento é descrito como o emblema da legendaria divindade que conduziu a primeira migração ao Egito; E. Massoulard, *Prehistoire et Protohistoire d'Égypte* (Paris: Institut d'Éthnologie, 1949), pág. 489. Vide nosso artigo *The Liahona's Cousins*, em *The Improvement Era*, 64 (Fevereiro de 1961) págs. 87 em diante.
27. Vide Cap. 25, págs. 273-291 na edição de 1964 de H. Nibley, *An Approach to the Book of Mormon* (Salt Lake City: Deseret Book).
28. *Ibid.*, pág. 187.
29. T. Proskouriakoff, *An Album of Maya Architecture* (Norman, Oklahoma: University of Oklahoma, 1963), págs. XV-XVI, 4, analisa o fenômeno.
30. R. Smith, em *The Improvement Era*, 57 (Maio 1954), págs. 316 em diante, confronte-se com Alma 11:4 em diante.
31. H. H. Paper, em *Journal of American Archeological Society*, 72 (1953), págs. 169 em diante.
32. Nathan Ha-Babli, "The Installation of An Exilarch", Ch. X. de B. Halper, *Post-biblical Hebrew Literature* (Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1943), págs. 64-68; o texto em hebraico em Vol. I (1946), págs. 37-40, sob o mesmo título.
33. Vide *An Approach to the Book of Mormon* (1964 ed.), págs. 247 em diante.
34. K.-H. Bernhardt, *Das Problem der Altorientalischen Königsideologie im Alten Testament* (Leiden; E. J. Brill, 1961), Capítulo VI,

O vale começa na extremidade sul do Lago de Utah. No canto nordeste do vale levanta-se uma curiosa montanha, solitária e isolada. Na extremidade sudeste do vale brotam nascentes quentes e frias, tornando a área circundante um pântano plano que se projeta contra as colinas secas e cobertas de vegetação rasteira.

Os primeiros colonizadores vieram para o vale em 1860. Anteriormente, caçadores e garimpeiros o haviam atravessado ocasionalmente.

Jasson Evans esteve caçando no vale durante o inverno de 1885. Denominou-o Warm Springs (Nascentes Quentes) ao ver as nuvens de vapor que continuamente subiam dos poços na extremidade sul do vale.

Cinco anos mais tarde regressou trazendo outros consigo. Construiu uma casa de adôbe de um só cômodo e ajudou cavar um canal. Foram plantadas mudas de choupos na frente da casa, para fornecer sombra. Plantou uma longa aleia de choupos ao longo do lado sul da fazenda para amenizar os rudes ventos do deserto.

Caminhei pela vereda, apanhado no fascínio do



Uma Revoada Gris

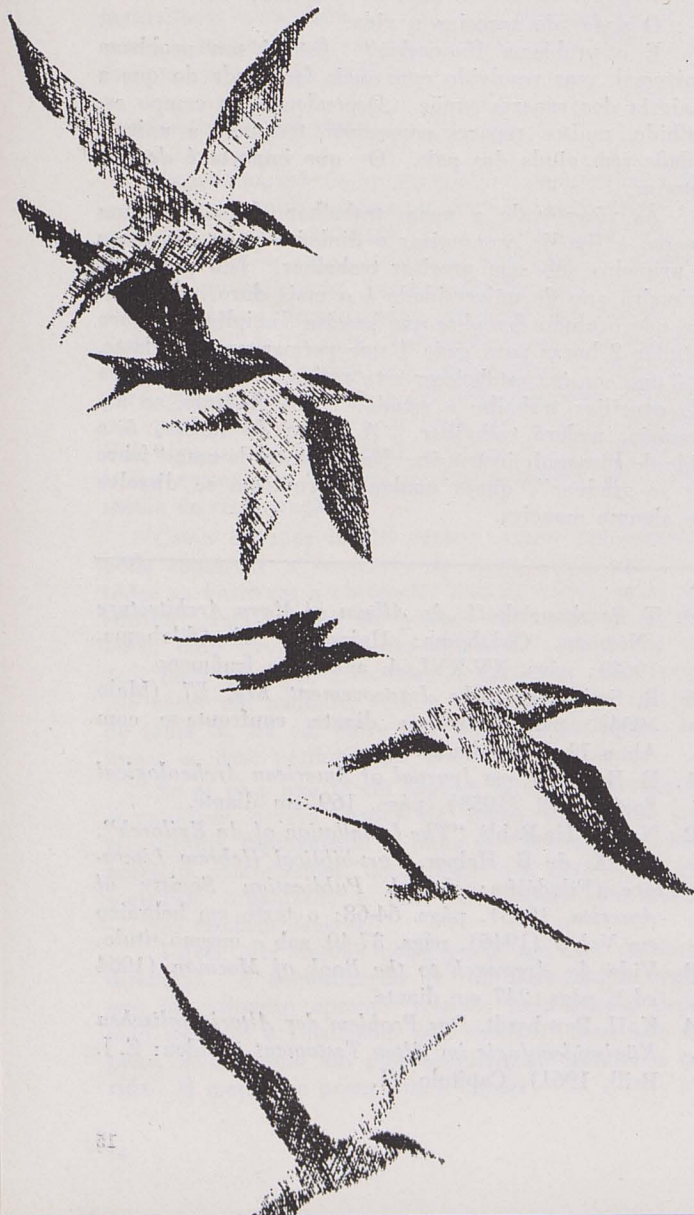
Brian Kelly

Primeiro Prêmio do Concurso de Contos da Universidade
Brigham Young

passado à medida que as memórias da minha infância vinham-me numa torrente. Já pensara sobre elas anteriormente, mas agora, sob o velho choupal, eram mais pungentes. Minha infância estava ali. Saboreando cada momento, contemplei o prado que se estendia para além da casa, e volvi o olhar para o canal. Sim, tudo continuava ali, a casa de adôbe, o paiol, o galinheiro. Tudo parecia o mesmo, exceto o choupal, que se concentrava ao longo do canal por causa do seu tamanho agora. Seus troncos haviam perdido o verde opaco da minha juventude para tornarem-se rugosos, ásperos e cinzentos suportes da folhagem revolta. Meus pensamentos não se firmavam no presente; divagava, voltando ao passado, relembrando a minha nona primavera no vale...

Os brotos dos choupos começavam a se mostrar. Era o começo da primavera e o canal ainda estava seco devido ao inverno. Papai disse-me que, como eu já tinha nove anos, tinha idade bastante para ajudar limpar o canal. O musgo seco e as ervas daninhas tinham que ser arrancadas das margens para que assim a água pudesse correr suave e facilmente ao ser vertida no canal.

O primeiro dia de trabalho foi duro, e os meus braços e as costas estavam sensíveis e doloridos. Depois do trabalho papai disse: "Ouví dizer que lá no leste costuma-se manter patos domesticados vivendo nos poços e riachos lentos. Os patos comem o musgo e muitas das outras ervas aquáticas".



A menção de patos mansos fêz disparar a minha mente cansada. Nunca havia pensado em patos mansos antes, mas sabia que havia patos selvagens no prado atrás da casa. Se pudesse encontrar e domesticar alguns, não teria que capinar as margens do canal.

Todos os dias, enquanto trabalhávamos no canal, eu observava o prado. Distava apenas uns oitocentos metros, e muitas vezes pudera ver patos pousando nas canas. O canto da estrebaria alinhado com o mourão do canto da cerca apontava para um juncal, onde muito freqüentemente pousavam os patos. Observava todos os dias, e finalmente, quando o canal ficou limpo, estava certo de que poderia ir direto aos juncos onde vira os patos pousarem.

No sábado, duas semanas depois de concluída a limpeza do canal, levantei-me cedo e comecei as minhas tarefas sozinho. Quando papai chegou ao curral, a bezerra já estava na metade do aleitamento. Após as tarefas e o desjejum eu disse que iria ao prado caçar rãs. Papai geralmente não gostava que eu fizesse coisas inúteis, mas nesta manhã aceitou.

De início eu não sabia bem o que procurar. Segui a linha do canto da estrebaria ao mourão do canto da cerca, diretamente em direção ao juncal que eu havia marcado. Ao chegar ao juncal nada encontrei além de emaranhados de juncos espalhados pela água. Numa das moitas vi um chumaço de penugem branca e parda, seco e fora d'água. Procurei para cima e para baixo dos vários riachos da pradaria até a tarde, mas não encontrei um só ninho.

A caminho de casa vi um outro chumaço de penugem. Este estava em terra seca, aninhado na relva. Apalpei a penugem macia e senti sob ela algo duro. Afastei cuidadosamente a penugem e sob ela contei nove ovos. Eram maiores que ovos de galinha, tinham uma cor verde oliva. Despindo a camisa, dei nós nas mangas e na gola, então, um por um, coloquei cuidadosamente os ovos nela. A caminho de casa, entrei na água para verificar o primeiro chumaço de penugem que vira. Neste ninho havia dez ovos.

Era difícil caminhar com firmeza. Os dezenove ovos pesavam na camisa e faziam com que ficasse balançando, mas cheguei em casa sem contratempos. Papai ficou surpreso quando lhe falei dos ovos. Juntos ajeitamos dois ninhos com palha fresca numa caixa, e as colocamos no canto do galinheiro. Não tínhamos certeza de que alguma galinha resolvesse chocar aqueles estranhos ovos, mas deixamos uma panela de grãos de trigo no chão e fomos embora. Após o jantar, papai voltou ao galinheiro com uma lanterna e encontrou duas galinhas chocando os ovos que haviam adotado no ninho.

Mantive os ninhos sob cuidadosa observação pelas três semanas seguintes. Não me preocupava porque as galinhas tratavam os ovos como se fossem seus mesmo. Cada um ou dois dias elas se ajeitavam sobre eles e os viravam com o bico. Papai explicou que os ovos tinham que ser virados diariamente para que chocassem.

Os ovos começaram a se abrir no vigésimo oitavo dia depois de eu tê-los trazido para casa. As galinhas não pareciam notar a diferença. Tratavam as pequenas bolas de penugem amarela com biquinhos achatados como se fossem pintainhos. Era divertido ver as galinhas ciscarem o chão do galinheiro a procura de bichinhos para os patinhos que não ligavam a mínima atenção.

O mais cômico foi quando os patinhos entraram n'água a primeira vez. As galinhas os haviam conduzido para as margens do canal em busca de alimentação. Tão logo se aproximaram da água, barafustaram-se barranco abaixo e deslizaram para a água. As galinhas ficaram frenéticas, correndo de um lado para o outro, tentando chamar os patinhos de volta. E os patinhos, desde então, passaram a viver a maior parte do tempo na água.

Um falcão tentou apanhá-los certa vez, mas êles escaparam mergulhando. Isto nos sossegou; já sabíamos que não precisávamos nos preocupar com os patinhos enquanto a água tivesse pelo menos trinta centímetros de profundidade.

No domingo seguinte era dia de conferência. Isto significava que teríamos de percorrer 8 km até a sede da estaca.

Tudo o que me recordo da conferência naquele dia é que há um homem natural e um homem não natural. Eu nunca havia notado a diferença antes; simplesmente imaginava que todos fossem bons. Gostei da parte que dizia que as crianças eram puras e naturalmente boas. Não entendia bem como uma criança natural era boa e um homem natural era mau, mas a essa altura desisti de tentar e adormeci encostado em meu pai.

A caminho de casa, perguntei-lhe por que Deus fêz algumas coisas boas quando eram naturais e outras naturalmente más. "Bem, meu filho", respondeu papai, "Tudo depende do ponto de vista. Antes da chegada dos pioneiros, os índios esperavam todos os anos pela vinda dos gafanhotos. Achavam que Deus os enviava a êles para servirem de alimento. Quando eu era menino em Salt Lake City, naquele primeiro verão em que viemos para o oeste, dependíamos de nossas magras colheitas para atravessar o inverno já próximo.

"Então, certo dia, o céu se escureceu com outro tipo de gafanhotos, uns barulhentos a que chamamos de grilos. Êles desceram das montanhas em direção às colheitas, comendo toda coisa verde que encontrassem pelo caminho. Tentamos afogá-los em canais; queimamos-los; e ainda assim continuavam vindo. O céu estava preto deles. Todas as manhãs eu e seu tio nos levantávamos com o raiar da aurora e andávamos para lá e para cá entre os cereais, segurando uma corda de uns 10 m, fustigando os pés de trigo de forma que os grilos caíssem antes de poder devorá-los.

"Finalmente, quando muitos já estavam prestes a desistir, o Senhor enviou as gaiotas para ajudar-nos. Durante semanas elas encheram os céus, comendo os grilos até salvarem as colheitas. Para nós, filho, aque-

"Não notei as gaiotas revolteantes, nem ouvi seus gritos angustiados. Tropecei, cai. Desesperado soluços convulsivos sacudiram-me o corpo."

las gaivotas foram naturalmente boas. Deus enviou-as para salvar-nos.

“Mas havia alguns bons homens que murmuraram contra os líderes. Portanto, êles eram como que naturalmente bons e maus ao mesmo tempo. Êste é o significado do livre arbítrio. Todos têm que escolher e não somos completamente bons ou maus como alguns parecem crer”.

A conversa foi interrompida ao nos aproximarmos da fazenda. As gaivotas estavam rodeando e mergulhando no canal. Não nos alarmamos até estarmos perto o suficiente para notar que o canal estava quase seco.

Pulei pelo lado do carroção e corri para onde as gaivotas estavam, a tempo de expulsar uma delas do fundo do canal. Tinha a bôca aberta com uma bolinha de penugem dentro. Ela engoliu o patinho vivo, como eu já vira algumas aves fazerem com camundongos.

Papai veio pela vala com a cabeça abaixada, procurando ao longo das margens para ver se descobria os patinhos. Juntos encontramos três. Apenas três de dezenove. “Acho que só sobraram êsses, filho” disse papai. Com o queixo tremendo e os olhos em fogo corri para um canto onde ninguém me podia ver e chorei.

Não vi papai até a hora de trabalhar. Comecei a ordenhar antes que êle se pusesse a explicar alguma coisa sôbre os patinhos. Fiquei grato pela demora. Não sei por que era mais fácil ouvir com o corpo da vaca entre nós. Papai disse: “A razão por que o canal estava seco é que o Irmão Wright havia desviado tôda a água para a sua fazenda. Êle abriu tôdas as comportas para que a água corresse pelos seus campos”.

Para mim a culpa não era tanto do Irmão Wright como das gaivotas. Eu não queria saber razões; queria ação mais direta. Tinha que encontrar uma maneira de extravazar a dolorosa sensação de que estava possuído.

Quando acordei na manhã seguinte, sabia muito bem o que ia fazer. Tinha que ficar quites com aquelas gaivotas. Depois de concluir minha parte do trabalho, dirigi-me para aquêle ponto na distância em que a montanha isolada se ligava com o lago. Era dêste lugar que as gaivotas pareciam vir e também lá é que desapareciam.

Quando cheguei ao sopé perto do lago, não pude deixar de correr. Apanhado pelas fôrças combinadas da gravidade e do ódio, eu corria e chutava, ao acaso, aqui e ali, entre as pedras e ressaltos acima do lago, destruindo os ninhos de gaivota que encontrava. Nem notei os gritos angustiados de uma nuvem de gaivotas que voavam no alto. Não recuei quando elas projetaram-se sôbre mim. Estava alucinado e frenético.

Os ovos verde-claro, com manchas marrons, eram fáceis de se identificar entre as pedras e ressaltos — alguns reunidos em tôrno de pauzinhos e entulho, mas a maioria nus e abandonados no chão limpo.

Um grupo de gaivotas em formação gritava, voando baixo pelo caminho em que estavam os ovos despedaçados. Não tomei consciência da fadiga, mas gradualmente comecei a tropeçar mais e odiar menos. De repente, enquanto chutava um ninho mais alto, despenquei sôbre as pedras. Procurei levantar-me, mas não consegui. O ódio e a fúria deixavam exaustão em seu

lugar. Soluços convulsivos, desesperados, sacudiram meu corpo.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas quando me ergui, cascas de ovo e sangue misturado com gema estavam colados em mim. Devagar comecei a voltar subindo a colina e afastando-me da água e dos ninhos de gaivota até atingir o pico. O vale inteiro estava visível à minha frente. Já enxergava a faixa resplandecente do canal que levava a minha casa. Dando as costas a isso, virei-me para o lago. Já não odiava nada, agora.

Então, fraco e inseguro sôbre meus pés, desci da montanha aos tropeções, seguindo para casa. Mais ou menos a 6 km de casa entrei no canal e lavei-me na água que me subia até o peito. A água fria tornou-me repentinamente côscio de meus sentidos — o sol brilhante, o vento da montanha, meus músculos cansados.

O sol havia caído quando cheguei em casa. Papai acabara tudo sôzinho, mas não reclamou. Mamãe fez-me trocar de roupa antes do jantar. Ela havia preparado uma refeição forte à tarde, mas havia pão, leite e mel para o jantar. Não comentou quando eu deixei o mel de lado e comi pão e leite com cebola, juntamente com papai. Depois pedi licença e fui para a cama. Não podia mais fitá-los nos olhos. Estava só e desconsolado.

A manhã seguinte começou como as outras. Papai despertou-me para irmos tirar leite e fazer os trabalhos da manhã juntos. De volta para casa algumas gaivotas voaram por ali e êle viu-me contemplá-las intensamente. E falou manso ao meu lado: “Filho, elas não têm culpa de matar os patinhos e comer muitos insetos e camundongos”.

Não pude conter-me mais e comecei a contar-lhe onde havia estado no dia anterior. Procurei fazer com que aquilo não parecesse tão mau, explicando que as gaivotas nem ao menos construam um ninho. Simplesmente punham os ovos no chão nu. Não deixavam uma cobertura de penugem sôbre êles como faziam os patos.

Papai interrompeu-me e começou um de seus sermões explicativos: “As gaivotas fizeram aquilo por causa de sua natureza. Não foi justo matar as gaivotinhas. Elas comeram seus patinhos para viver. Não sei por que. Tudo o que sei é que devemos fazer o que devemos.”

“Acredito que comparada com um pato a gaivota não faça um ninho muito bom, mas elas criam seus filhotes da mesma maneira. Eu já contei por que as gaivotas são queridas para mim. Neste verão eu quero que você as observe nascer e crescer. Aprenda como são. Quando pequeninas, são quase tão feias como você quando nasceu. Mas elas mudam. Olhe para cima agora e veja como voam em círculos e planam. Acho que a forma mais graciosa que já vi, depois de um navio a velas singrando as águas, é uma gaivota planando com as asas estiradas.

“Observe sua côr. Ficam mais e mais brancas ao crescer. Elas começam com um tom meio cinzento e a cada ano aproximam-se mais do branco puro”.

Naquele verão eu comecei a observar as gaivotas em suas mutações de pintainho feio para uma ave marrom, depois cinzenta e então de um branco límpido. Naquele verão comecei também a ver os homens amadurecer. Muitas vêzes, desde então, tenho invejado as gaivotas brancas.

Ao Raiar do Novo Dia

Alexander Schreiner

Hino para a Escola Dominical Sênior para o Mês de Outubro

HINO: "Ao raiar o novo dia"; autor e compositor, Robert B. Baird; *Hinos — Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, n.º 149.

O irmão Baird foi também o autor de "Prolongue os bons momentos" (n.º 55). Nasceu em Glasgow, na Escócia, em 1855. Teve treze irmãos e emigrou para a América estabelecendo-se em Willard, Utah, por volta do ano 1863. Foi também em Willard que viveu o inspirado compositor e poeta Evan Stephens. Sem dúvida êsses dois homens influenciaram-se e encorajaram-se mutuamente na composição de hinos práticos de exortação para jovens da Igreja na Escola Dominical.

O Irmão Baird foi o regente do côro da ala de Willard e ensinava música nas escolas públicas do local.

Outra obra poética da sua autoria foi o hino "Sê bem-vindo, dia santo" (n.º 143). Com quanta alegria as Escolas Dominicais têm cantado essas três canções por tantos anos! E com elas os santos foram estimulados a praticar obras de retidão por quase um século.

Ao regente:

Cada estrofe principia com as notas mais rápidas do hino. Como constituem um movimento ascendente, são freqüentemente negligenciadas ou deixadas de lado no canto. Portanto, recomendamos que você ensaie os dois compassos de abertura de cada estrofe. Dê aos membros tempo bastante para respirar entre as estrofes e então faça um gesto claro demarcando exatamente a

hora em que devem recomeçar a cantar. Isto requer, naturalmente, o emprêgo de um ritmo preliminar claro e confortável. Você pode aperfeiçoar sua técnica neste particular, ao mesmo tempo em que a congregação aperfeiçoa o canto das primeiras sílabas da estrofe.

Atente para o fato de que existem no hino umas quinze notas com ponto de aumento. Se nos prendermos a essa especificação de forma estrita, obteremos um ritmo meio aos solavancos. Recomenda-se, portanto, que os saltos e baixos sejam suavizados ou simplesmente ignorados. A forma com que as congregações usualmente interpretam êsses trechos é bem razoável e de bom gosto.

Ao organista:

Nossos órgãos e pianos são hoje afinados um tanto mais alto que quando êste hino foi escrito. Assim sendo, você não gostaria de tentar tocá-lo em Si bemol? É muito simples. Mas você deve executar a transposição com toda a segurança antes de usá-la para acompanhar a congregação.

Você sabe que existem pessoas que falam mais de um idioma, por exemplo, português, inglês e francês, ou alemão, holandês e espanhol? Da mesma forma, surgem coloridos novos ao se executar esta música em Dó, ou Si ou Si bemol. Tente. Os resultados são deliciosos. É algo assim como usar várias fragâncias de perfume.

Jóias Sacramentais de Outubro

Escola Dominical Sênior

E aconteceu que Ele novamente partiu o pão e o abençoou e o deu aos discípulos para que o comessem". (3 Neji 20:3).

Escola Dominical Júnior

Disse Jesus: "Vinde a mim... e eu vos aliviarei". (Mateus 11:28).

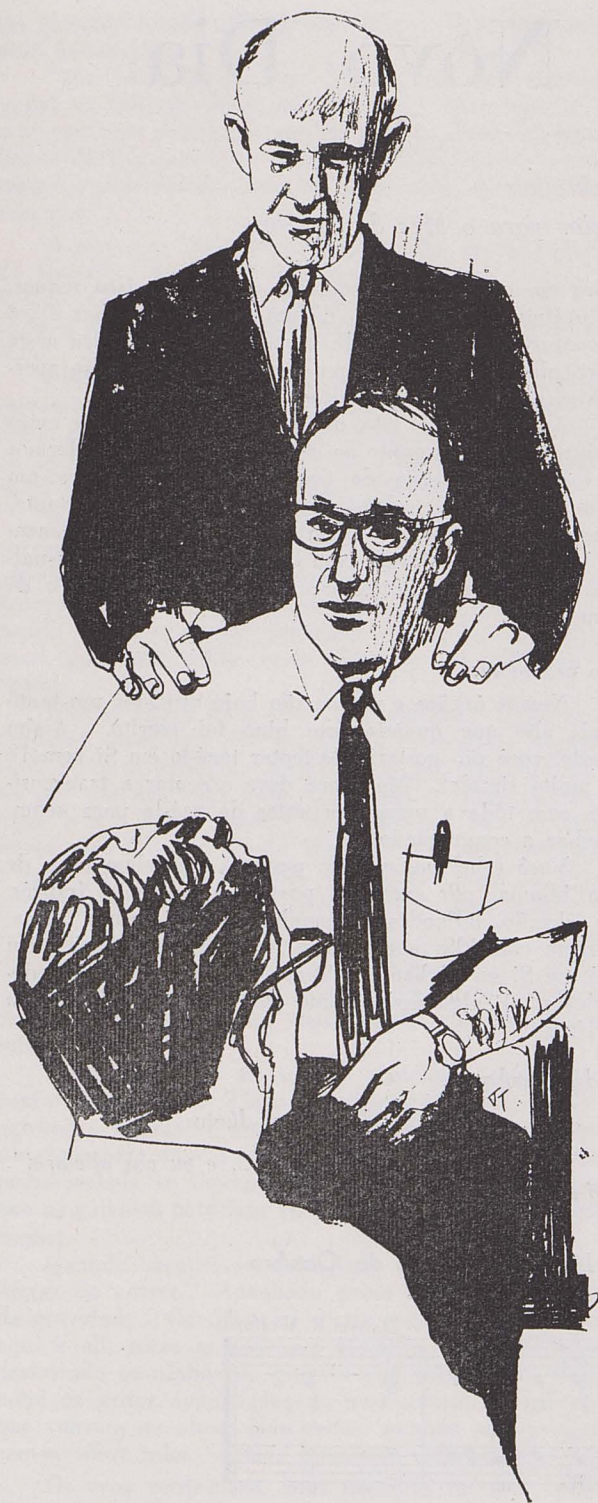
Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais de Outubro

Simple Darwin K. Wolford

The image shows a musical score for organ accompaniment. It consists of two systems of music, each with a treble and bass clef staff. The first system is marked 'Simple' and 'Darwin K. Wolford'. The music is in a simple, hymn-like style with a clear melodic line in the treble and a supporting bass line. The second system continues the piece with similar notation.

NOTA: O hino de ensaio para Escola Dominical Júnior, de Outubro, é "Brilha a Aurora", Hinos n.º 185.

Francamente,



Bispado Presidente

Tudo pareceu culminar logo após o jantar. Estes eram os momentos favoritos do bispo, quando concedia-se alguns minutos sentado diante da mesa, tendo uma agradável conversa com sua esposa. Ela estava agora limpando os pratos e ao chegar aos copos das crianças parou, franzindo o cenho: "É uma tristeza a mudança do irmão Ferreira, não é? Só fiquei sabendo hoje na Sociedade de Socorro".

Ela esperava sua reação. "Naturalmente você sabia?" Mas o bispo meramente resmungou. Recusava-se a admitir que ela o havia apanhado totalmente desprevenido, sem saber que seu entusiástico superintendente da AMM ia sair da ala. Continuou a brincar com o garfo, recolhendo as migalhas de torta, enquanto meditava nesta reviravolta nas coisas. Há apenas uma semana o bispado havia-se congratulado por ter finalmente conseguido organizar todo o quadro da AMM e agora...

Quando o telefone tocou, ele reconheceu imediatamente a voz do presidente da estaca: "... é isso, bispo. Com duas novas alas, tivemos permissão para escolher diversos membros auxiliares para o Sumo Conselho. Queria que você soubesse *antes* de chamarmos o irmão Ramos. Compreendo que ele tem sido muito eficiente como presidente do quorum de élderes, mas esta será uma oportunidade excelente para ele.

O bispo era muito sábio e bem disciplinado para não desatender ao presidente. Na verdade, ficava satisfeito pelo irmão Ramos. Mas isto representaria ainda uma outra reorganização dentro da ala. Começou a percorrer mentalmente sua liderança no Sacerdócio enquanto a voz na outra ponta do fio concluía: "...apesar de ser responsabilidade do Sacerdócio de Melquizedeque da estaca escolher o novo presidente, preferimos trabalhar em concordância com os bispos. Se tiver alguma sugestão, informe-me terça-feira à noite. Gostaria de submetê-la à aprovação do Sumo Conselho no próximo domingo pela manhã".

A explosão final ocorreu alguns minutos mais tarde, quando seu conselheiro que passara para discutir a reorganização da AMM disse: "Ah, e isto me recorda — o irmão Maurício pediu-me para dizer que está com um novo emprego, de vendedor, e provavelmente terá que viajar toda a terceira semana de cada mês, durante pelo menos um ano. Por isso, achou que o senhor talvez quisesse desobrigá-lo. Ele é um dos melhores conselheiros de quorum que já tivemos".

E ficaram ali, conversando pela noite a dentro, analisando o que lhes havia acontecido de repente. Mais tarde o bispo se recordaria que o conselheiro pôs o dedo na parte dolorida do problema quando disse: "Sabe como é, a gente costumava ter uma porção de famílias ativas — *antes* que dividissem a ala. Para mim é como se a outra metade tivesse surripiado o melhor da liderança. E nós ficamos com quê? Vinte e três velhos do Sacerdócio Aarônico!"

e, Bispo, Não Vejo Inspiração Nisso!

“Adultos do Sacerdócio Aarônico”, corrigiu o bispo. “O nôvo manual chama-os Adultos do Sacerdócio Aarônico”.

“Muito bem, Adultos do Sacerdócio Aarônico”, disse o conselheiro bem devagar. E sua voz parecia muito cansada ao concluir: “Podem trocar-lhes o nome, mas o fato é que são uma pedra no sapato. Nós precisamos é de líderes. E o que temos? Temos vinte e três homens muitos dos quais recusam-se até a *seguir*. Francamente, bispo, nunca consegui ver inspiração na divisão da ala”.

Essas últimas palavras permaneceram com o bispo por tôda a semana. Acertaram-no em cheio, inicialmente, mas depois se recordou que seu conselheiro — bom, fiel, trabalhador — estava com êle há longo tempo e ainda se lembrava dos bons dias antes da divisão, em que tinham irmãos ativo sem abundância.

O bispo não queria admitir que a divisão havia sido falta de inspiração. Não havia recomendado êle próprio ao presidente da estaca? Mas agora parecia estar-lhe saindo pela culatra, não sabia por quê. Voltou a pensar no assunto muitas vêzes, à procura de uma resposta.

O bispo convocou uma reunião especial com seus conselheiros. Entrou direto no assunto: “Irmãos, estamos afundando por falta de liderança e estou pronto a admitir que fiquei desarvorado. Nos últimos sete dias tenho repassado incessantemente o problema em minha mente e orei muito também”. De repente percebeu que os irmãos pareciam muito deprimidos e sorriu com calor.

“Tenho estado conjeturando se teria sido errada a divisão da ala. Vejam, nosso problema é liderança, sim, mas, avancemos um pouco mais. *Liderança é sacerdotício*. Esta é a fonte *real* de nosso problema — falta-nos sacerdotício!”

O segundo conselheiro fêz um muchocho e explodiu: “Bom, pelo menos Sacerdotício de Melquizedeque. Não contamos uns 23 velhos do Sacerdotício Aarônico outro dia?”

“Adultos do Sacerdotício Aarônico”, interrompeu o primeiro conselheiro. “É o nôvo nome que lhes dão — Sacerdotício Aarônico — Adultos”.

“Está bem, mas o nôvo nome também não vai ser de maior ajuda para nós. Continuam sendo os mesmos desanimados. Com êles é que não vamos solucionar o problema da liderança”.

“Mas eu discordo!” exclamou o bispo. “Acho que é nisto que descobrimos uma situação inspiradora. Analisem os fatos: precisamos desesperadamente de líderes bons e ativos. Mas do que dispomos atualmente? De *bons líderes que estão inativos*. Se analisarmos nossa lista de Adultos do Sacerdotício Aarônico encontraremos alguns homens de destaque no bairro. O irmão Rocha é presidente da companhia em que trabalha; o irmão Constantino foi comandante do exército; e acabo

de saber que o irmão Soares foi incumbido de uma importante pesquisa pelo Governo Federal. Ora, temos um grande celeiro de talentos que apenas esperam ser cultivados”.

Mas o primeiro conselheiro ergueu a mão. “Espere aí, irmão, nós todos estamos sabendo da capacidade de nossos Velhos ... ah, Adultos do Sacerdotício Aarônico. Sempre soubemos que poderiam representar uma contribuição genuína para a obra do Senhor se conseguíssemos torná-los interessados e ativos. Em uma ocasião ou outra, todos nós nos esforçamos junto dêles para que se tornassem plenamente ativos. E incumbimos disso nossos melhores homens com bem pouco progresso. Na realidade, êste é um dos encargos mais desanimadores da igreja”. E enconstou-se na cadeira. Já havia recitado sua parte.

Mas o bispo sorriu ainda mais abertamente que antes. Êle sabia o segredo. Havia-o testado em pensamento; havia-o esquematizado no papel. Tinha certeza de estar com a razão. “Tudo o que dizem é verdade. Concordo. Mas insisto em que nenhum de nós conseguiu visualizar o que poderia ser feito com êses irmãos inativos se o *incentivo certo* atuasse nêles. Claro — tentamos ativá-los — com reuniões, aulas especiais, convites; nunca através de experiências reais. Nunca chamamos algum dêles para *trabalhar* em nossos programas. E por quê?” O bispo sorriu novamente, fechando os olhos. “Porque sempre tivemos demasiada número de líderes ativos, que absorviam todos os bons cargos que a ala tinha a oferecer — e mais”.

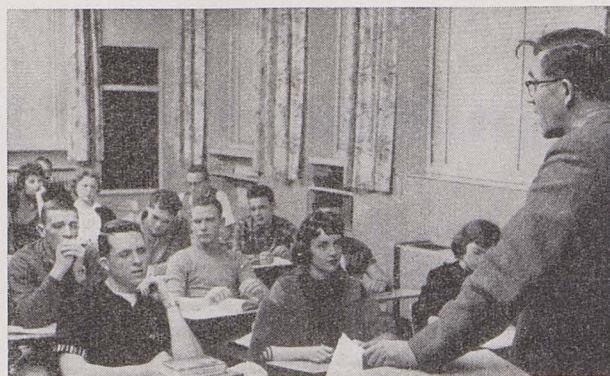
Êle apontou para o mapa de liderança que pendia da parede. “Agora que fomos divididos, estamos em apuros. Necessitamos dêses irmãos inativos; há algo que êles podem fazer por nós. E, ao fazê-lo, descobrirão o quanto necessitam de nós, da Igreja e do Senhor”.

O bispo ainda prosseguiu: “Tenho examinado o nôvo Manual do Sacerdotício Aarônico — Adultos. Sublinhei algumas partes dêle, frases como *“aprender atividade”* e *“experiências dando aulas”*. Parece-me, e quero seu conselho quanto a isto, que se pudéssemos colocar êses irmãos inativos em posições-chave, lado a lado com os irmãos ativos, bem, uma vez que tivessem provado a alegria de servir na igreja, não precisaríamos mais de falar em tesouros no céu, e tôdas essas coisas. Êles estariam em condições de sentir o mesmo que nós sentimos”.

“Espere aí”, disse o primeiro conselheiro. “O irmão pretende que façamos, vamos dizer, o irmão Soares superintendente da AMM?”

Mas o bispo retrucou na hora. “Não, mas êle seria um ótimo assistente da superintendência da Escola Dominical, especialmente se o pudermos convencer de que é imprescindível”.

“Ora essa”, disse o outro conselheiro. “Se pudessemos o irmão Pereira como superintendente, po-
(Conclui na página 24)



As Técnicas do Ensino Aplicado

Ernest Eberhard Jr.

Perguntei certa vez a uma aluna do segundo ciclo, o que em seu entender caracterizava um professor bem sucedido. Após alguns segundos de meditação ela replicou: “É alguém que o ame”.

“Que quer dizer com isso — que o ame?” perguntei.

Ela deteve-se novamente em reflexão e depois respondeu sem hesitar: “Ele está disposto a ouvi-lo. Seus problemas são importantes. Ele o aceita e procura auxiliá-lo a progredir”.

Perceba-se que nada foi mencionado a respeito das habilidades do professor, nem de seu domínio profundo da matéria, sua extraordinária perspectiva histórica ou técnicas de ensino.

Durante os trinta e três anos em que tenho tido o privilégio de ensinar os jovens, perguntei a muitos deles o que de maior ajuda haviam recebido de seus instrutores na Igreja. A resposta mais consistente foi com efeito: “Eles me ajudaram a pôr a vida em ordem”.

Apesar de não poderem exprimir uma análise profissional das capacidades de seus mestres, sabiam reconhecer que extraordinários instrutores os haviam auxiliado a incorporar os preceitos aprendidos em suas vidas.

As pessoas agem e reagem no esforço direto de conseguir seus objetivos primordiais na vida. Talvez a mais importante dessas metas seja o desejo de pôr-se à prova e ganhar a aceitação de pessoas importantes em sua vida. Portanto, aquele que tem objetivos louváveis busca a aprovação dos que são substancialmente criteriosos. O indivíduo de caráter indejável gravita em torno das pessoas cujas vidas são motivadas por princípios inidôneos. O intercâmbio pessoal é básico para o controle da conduta humana.

O prêmio que mais agrada a criança é o amor de um adulto, sejam seus pais ou professores. Quando a criança tem evidência concreta de que seu professor a ama, faz tudo para agradá-lo. Se continuar na certeza desse amor, reagirá procurando imitá-lo. Por exemplo, um treinador esportivo benquisto tem pouca necessidade de discutir com seu time a Seção 89 de Doutrina e Convênios, se tiver estabelecido como norma que espera que eles vivam vidas saudáveis e treinem com persistência. Os alunos põem em prática em suas pró-

prias vidas os princípios que aprendem através do exemplo.

Surge então a pergunta: Como o aluno pode saber se seu professor o ama?

Essa certeza irradia-se e torna-se manifesta a êle de muitas maneiras aparentemente insignificantes. O professor pode demonstrar que nota cada aluno, de uma maneira ou de outra durante o período da aula. Talvez com um apêto de mão, um sorriso ou um simples olhar de reconhecimento. Se o professor demonstrar suficiente interesse por seus alunos para aprender-lhes o nome, informa-se a respeito de seus interesses, anseios, ambições, assim como de algumas de suas frustrações e problemas, eles sentirão seu amor. O professor que se dá ao trabalho de notar mesmo os mais acanhados esforços e sinais de progresso e crescimento da parte de seus alunos tem o seu amor e lealdade. Ele sabe apanhar também as menores insinuações que os alunos deixem escapar e que indiquem que estão interessados em analisar certo assunto ou problema mais a fundo. Muitos jovens acham dificuldade de relatar diretamente a alguém suas dúvidas, temores e confusões. Fazem uma menção bem disfarçada, por vezes até indireta. Se o professor for sensível, poderá auxiliá-los a “sair da casca” e revelar e discutir plenamente o que os atormenta.

O sentimento de amor e interesse que o professor tem por seus alunos deve ser autêntico e genuíno. As crianças e especialmente os adolescentes, sabem detestar qualquer simulação ou falsidade por parte do professor quase que instantaneamente. Isto, como qualquer ato de traição, desfere golpe mortal em suas possibilidades de inspirar seus alunos a pôr em prática as lições do evangelho.

Não é possível fazer-se uma lista de todos os passos que um professor deve dar para adquirir um genuíno sentimento de amor e confiança por seus alunos. Cada professor tem uma força individual e uma capacidade toda sua de desenvolver êsse clima. Ele deve planejar e aperfeiçoar sua abordagem, alterá-la e reforçá-la de tempos em tempos. A cada mês, mais ou menos, deve sentar-se e avaliar objetivamente seu trabalho, para ver quanto progresso conseguiu e formular planos para fortalecer-se no que for necessário.

Pode-se deixar aqui uma palavra de advertência ao professor. Nenhuma quantidade ou variedade de técnicas ou métodos de ensino conseguirá a confiança e a lealdade do aluno, a menos que haja um sentimento genuíno de amor e interesse da parte do professor. Seus sentimentos devem brotar da determinação de ter em mente que está tratando com um ser eterno, um filho literal de nosso Pai Celestial, cujo amor e interesse por seu filho estão além da compreensão até do mais devotado professor. Apenas quando ele se ligar a seus alunos segundo estes moldes será considerado um exemplo digno, pelo qual os jovens poderão orientar suas próprias vidas.

Intelectualmente, o aluno pode admitir que o que lhe está sendo ensinado é totalmente lógico e racional, mas, se não se sentir com forças para aplicar o ensinamento ou alterar a orientação de sua vida, desatenderá a exortação de pô-lo em prática. Ele pode chegar ao ponto de reproduzir verbalmente o princípio ensinado. Isto é, se freqüentar uma aula em que precise dar uma resposta "correta" para receber boa nota, ele aprenderá a repetir as palavras. E, a despeito disso, sentirá que qualquer tentativa de incorporar o preceito a sua vida não faz parte do processo de aprendizado. Compare essa atitude com a dos 3.000 que ouviram Pedro pregar seu memorável sermão no dia de Pentecostes:

"E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?" (Atos 2:37).

Temos aqui uma perfeita seqüência do "ensino aplicado". Os que estavam presentes "ouviram" as instruções; isto é, receberam plena e corretamente a informação. E, o que é mais importante, "compungiram-se em seu coração", estando dispostos a dar prosseguimento ao passo mais vital no processo de ensino, ou seja, comprometer-se pessoalmente. A pergunta que formularam foi: "Que faremos?"

As razões pelas quais as pessoas são "tocadas em seus corações" podem ser muitas. Sem dúvida, os ouvintes de Pedro convenceram-se de sua sinceridade, da profundidade e significado de seu testemunho e de seu amor por eles, expressado no desejo de conferir-lhes os benefícios da aceitação do evangelho de Jesus Cristo. De forma muito semelhante, os alunos "são compungidos" quando sentem que seus professores têm em mente os interesses pessoais e individuais dos que lhe são confiados. Se puderem acreditar que seu mestre tem genuína confiança em sua habilidade de desenvolver e preservar nas boas atitudes e buscar objetivos nobres, serão muito mais incentivados a dar os passos necessários à obtenção desse progresso. Os professores devem analisar cuidadosamente cada aula que dão, para certificar-se de que todos os alunos, individualmente, receberem incentivo para fortalecer-se nos princípios do evangelho em que se baseou a lição.

Os alunos devem sentir que o professor tem uma dedicação profunda, constante e estável pelo princípio que está ensinando. Eles precisam também acreditar que o professor aplicou os princípios do evangelho a sua própria vida em larga escala, considerando-os um alicerce seguro.

Para que os seres humanos jamais consigam orientar-se sôzinhos, empregando seu livre arbítrio de forma

plena e correta, é preciso que adquiram confiança em sua capacidade de determinar as ações e objetivos da vida. Isto significa que o professor precisa auxiliá-los a ver o *porque* de seus atos e a antever suas conseqüências finais. O mestre deve considerar-se como um guia, não um fornecedor de informações. O professor eficiente dá a seus alunos orientação e auxílio apenas depois de eles próprios terem feito tudo ao seu alcance para estabelecer seus próprios objetivos e linha de ação.

Uma ilustração deste tipo de ensino pode envolver, por exemplo, o propósito dos alunos quanto a beber ou não para ser sociáveis. O professor bem orientado fornece-lhes elementos para pesar as vantagens e desvantagens de se beber na companhia de amigos, em confronto com o efeito geral dessa prática na vida das pessoas. Ele os auxilia a pesar o valor limitado da aceitação social num breve período de recepção onde sejam oferecidas bebidas em comparação com as possibilidades sempre presentes de desintegração da personalidade, embaraços com a lei, danos físicos sérios a si mesmo e a outros, maior suscetibilidade a doenças, perda do lar e da família, fracasso vocacional e pobreza, debilidade nos últimos anos de vida e, acima de tudo, a destruição espiritual que acarreta a perda de uma vida de alegria eterna.

Quando o professor tiver auxiliado os alunos a fazer uma análise completa do problema, deverá dizer-lhes que a responsabilidade pelo uso de seu livre arbítrio está agora em suas mãos. Eles é que devem escolher o caminho a seguir.

Depois disto, o professor precisa estar preparado para auxiliar os alunos a resolver a curto prazo os problemas que resultem dessa sua decisão de não beber com os amigos. Por exemplo, quando se estiverem encaminhando em sua vocação profissional poderão encontrar pessoas influentes e capazes de dar grande impulso em sua carreira, que exerçam uma pressão sutil e persistente no sentido de "beber só um gole, de vez em quando". Chegando a este ponto, os alunos não necessitarão de uma outra aula a respeito da "Palavra de Sabedoria", mas apenas de auxílio para resistir à pressão de pessoas profissionalmente capazes, mas espiritualmente pouco desenvolvidas ou estagnadas. O que vão precisar é de orientação para manterem a perspectiva de longo alcance estabelecida durante as aulas.

Em geral, admite-se que um aluno aprende somente na medida em que transporta o ensinamento para a experiência. Essa experiência pode envolver apenas a mente e as emoções ou um ato patente. Os professores estão geralmente em plena concordância com este princípio, mas não transportam seus ensinamentos para a experiência.

Como os seres humanos são dotados da capacidade de usufruir experiências vicárias, isto é, com o emprêgo da imaginação, os professores devem planejar as aulas de forma que as lições e histórias religiosas resultem numa aplicação à vida real. Isto quer dizer que precisam apresentar seus ensinamentos em concordância com a idade, conceitos e níveis de desenvolvimento dos alunos. As lições devem estabelecer etapas razoáveis, na vida diária, que levem à conquista dos objetivos finais. Em alguns casos será necessário que o mestre auxilie seus discípulos a criar, alterar ou a dar maior amplitude a suas metas, antes que possam ser motivados

a utilizar o material da aula. O Salvador sem dúvida teve isto em mente quando disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos". (Mat. 5:6). Ele reconhecia plenamente que os objetivos da vida devem ser convincentes e firmes antes que possam ser alimentados ou ampliados.

Como faremos para envolver os alunos nessas experiências do aprendizado?

1. Fazendo-os saber por que estão estudando certos tópicos. No início de cada aula devemos declarar de maneira concisa os princípios que serão abordados e, no transcorrer da lição, dar-lhes a oportunidade de indicar o lugar ou a importância desses princípios em sua vida.

2. Permitindo-lhes apresentar uma relação das formas específicas pelas quais a lição se aplica a sua vida. Os alunos precisam ser motivados a descobrir os passos detalhados que devem ser dados no sentido de aplicar com sucesso os princípios do evangelho à vida.

3. Lembrando que a generalização é o fracasso do ensino aplicado. Os alunos precisam atravessar, por experiência própria ou vicária, todos os passos essenciais à compreensão.

4. Sendo realista a respeito da capacidade, experiência prévia e nível de desenvolvimento dos alunos. As aulas precisam ser graduadas com cuidado; isto é, principiar com preceitos limitados, que evoluam para a aplicações mais difíceis. Por exemplo, o professor pode sugerir três sorrisos por dia, elogiar uma pessoa e evitar uma resposta atravessada, ao invés de estabelecer a norma de sorrir para todos, distribuir elogios e nunca perder controle da língua.

5. Estando cômico de que os alunos conseguem muito mais quando têm um programa de ação bem traçado. Objetivos para "qualquer ocasião" têm um poder de motivação muito limitado. Se for dada uma aula a respeito do dízimo, o primeiro passo seria o

pagamento naquele dia, ou pelo menos antes da próxima aula.

6. Reforçando constantemente as atitudes, processos e mudanças de conduta. Os professores devem examinar com os alunos os progressos feitos por cada um. Precisam elogiá-los e demonstrar sua aprovação pelo sucesso conseguido. Muitas pessoas são de opinião que estamos perdendo uma grande oportunidade de fortalecer e incentivar os que já estão vivendo os princípios do evangelho, mas que ainda necessitam encorajamento e apoio. É muito comum os jovens não receberem a atenção pessoal que merecem, somente por que não causam maiores preocupações a seus pais e mestres.

7. Auxiliando os alunos a tomar certas resoluções que tragam resultados óbvios — resultados que sejam facilmente visíveis para eles e aqueles cuja aprovação esperam obter. As reações públicas têm uma aura de realidade que torna a aplicação do princípio mais autêntica e racional.

8. Os padrões de conduta e as atitudes consistentes dependem da fé que se tem em seu valor, do senso de finalidade. Os ministradores de instrução religiosa devem esforçar-se constantemente por aumentar no aluno o conceito de seu próprio valor. Podem auxiliá-los ressaltando que o Senhor os recompensará mais pelo esforço em executar bem seu trabalho, na vida e na igreja, do que pelas posições que ocuparem. É preciso salientar constantemente o quão importante é cada indivíduo para Deus o Pai e seu Filho Jesus Cristo na obra de conseguir a imortalidade e a vida eterna de toda a humanidade. Precisa-se dar destaque também ao fato de que esta é a era de ouro da história, um período aguardado com ansiedade por todos os profetas do passado. Os alunos devem ser levados a compreender que seu valor não está em ter nascido sobre a terra nesta época especial, nem como membros da igreja, mas em ser "cumpridores da palavra" — os mais aplicados que já existiram sobre a face da terra.

Francamente, Bispo... (Conclusão da pág. 21)

deríamos convencê-lo de que o irmão Soares seria um ótimo assistente".

O irmão Soares sorriu calorosamente ao apertar a mão do bispo, fazendo-o entrar na sala da frente. Fazem mais ou menos sete meses que o senhor me chamou para trabalhar na Escola Dominical e nos últimos três meses temos pagado nosso dízimo. Não é verdade Lúcia? Nós achamos que já é tempo de pedir-lhe que se sente conosco para dizer-nos o que devemos fazer agora a fim de obter uma recomendação para o templo".

Um certo quê agradável parecia ter-se espalhado pela sala. O bispo sentiu uma nova felicidade naquela casa, naquele casamento.

"Minha única tristeza ao tornar-me élder é uma certa relutância em deixar nossa classe do sacerdócio. Acho que temos o melhor grupo de Velhos do Sacerdócio Aarônico de toda a estaca".

"Adultos do Sacerdócio Aarônico", corrigiu sua esposa gentilmente. "Esse o novo nome para eles: Sacerdócio Aarônico — Adultos".

Tudo o que vai pela Igreja mensalmente nas páginas de

A LIAHONA

uma revista para se assinar, ler e guardar.

e lembre-se, é um presente que se renova o ano todo!

...Sem nós, Não Podem Ser Aperfeiçoados

Hebreus, 11:40



*Nossa sexta palestra sôbre genealogia
enfoca novos e intrigantes ângulos dêsse
trabalho divino*

Um dos grandes mistérios do modernos cristianismo é a declaração feita por Paulo, o Apóstolo, que está registrada em Hebreus, capítulo décimo primeiro, versos trinta e nove e quarenta. As explicações do significado dêsses versículos, apresentadas pelos teólogos modernos, são vagas e pouco elucidativas. Os santos dos últimos dias, que têm o testemunho de que Deus abriu novamente os céus e restaurou a verdade divina através da instrumentalidade do Profeta Joseph Smith, não questionam nem vêm mistério nas palavras de Paulo aos hebreus.

Paulo exortava os santos fiéis a aumentar sua fé no Senhor Jesus Cristo. Rememorou para eles as experiências dos profetas de Deus desde os dias de Adão até sua época. E demonstrou-lhes por palavras como a fé era a mola de toda a ação; que foi pela fé que os profetas de Deus conseguiram executar tôdas as coisas que Deus lhes ordenara.

A encerrar essas profundas palavras, Paulo disse: “E todos êstes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa; provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fôssem aperfeiçoados”. No verso treze dêste mesmo capítulo recebemos um vislumbre da explicação. “Todos êstes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra”. (Hebreus 11:13).

Na revelação dada ao Profeta Joseph Smith, encontramos as seguintes palavras concernentes às promessas feitas a nossos ancestrais: “Deus vos dará conhecimento que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora; o qual os nossos antepassados, com expectativa ansiosa, esperaram fôsse revelada nos últimos dias, o qual foi às suas mentes indicado pelos anjos como estando em reserva, à espera da plenitude da sua glória”; (D. & C. 121:26-27).

Os santos dos últimos dias têm uma compreensão integral do significado da afirmativa de Paulo na epis-

tola de Hebreus. Sabemos que êle referia-se à grande obra dos últimos dias que seria restaurada através do Profeta Joseph Smith. O antigo apóstolo referia-se ao fato de que nossos pais estavam familiarizados com a divina verdade de que Deus, o Pai Eterno, havia proposto mesmo antes da fundação dêste mundo que nos salvássemos em famílias. Nenhum indivíduo receberia a plenitude da alegria, exceto pela obediência aos princípios do evangelho restaurado, sendo selado pelo poder do Santo Sacerdócio em ligações familiares eternas.

No dia 6 de setembro de 1842 o Profeta Joseph Smith escreveu uma Epístola a todos os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, dando instruções detalhadas com respeito ao trabalho pelos mortos. Daquela carta citamos o seguinte: “E agora, meus queridos e amados irmãos, eu vos asseguro que êstes são princípios referentes aos mortos e vivos que não podem ser encarados com descuido, no que diz respeito à nossa salvação. Pois a sua salvação é necessária e essencial a nossa salvação, como disse Paulo a respeito dos pais — que eles sem nós não podem ser aperfeiçoados — nem podemos nós, sem os nossos mortos, ser aperfeiçoados”. (D. & C. 128:15).

Como afirmou o presidente Joseph Fielding Smith: “Qual foi a promessa feita aos pais que deveria cumprir-se nos últimos dias pelo voltar-se dos corações dos filhos aos seus pais? Era a promessa que o Senhor fêz através de Enoque, Isaías e os profetas, às nações da terra, de que haveria de chegar o tempo em que os mortos seriam redimidos”. (*Doctrines of Salvation* Vol. 2, pág. 154).

Esta grande doutrina, proposta por nosso Pai Celestial, testemunhada pelos profetas de Israel, declarada em simplicidade pelo Salvador do mundo, praticada por homens santos na dispensação do meridiano dos tempos e reafirmada por revelação em nossos dias e o poder de Deus para a salvação. Jesus ensinou que toda a alma vivente que tivesse habitado sôbre a terra
(*Conclui na pág. 28*)

Há uma Lei

Lowell L. Bennion

É comum assistirmos funerais de pessoas que pareciam estar no princípio de seu chamado, ou que davam a impressão de ser a mola propulsora de um projeto importante, cujos resultados beneficiariam toda a humanidade. Um acidente trágico vitimou alguém ou um mal súbito foi fatal a outro. Por que pessoas tão bem dotadas são levadas quando o futuro parece prometer tanto? Os oradores procuram explicar, nas exéquias, mas essas palavras de consolo por vezes falham em seu propósito.

Apesar de não termos uma resposta completa nem inteiramente satisfatória para as tragédias e infortúnios que nos atingem, há no evangelho de Jesus Cristo um ensinamento que lança muita luz sobre esse assunto perturbador. Ele dá-nos pelo menos um fundamento sobre o qual basearmos nossa vida.

“Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus desde antes da fundação deste mundo, sobre a qual as bênçãos são fundadas.

“E quando de Deus obtemos uma bênção é pela obediência àquela lei sobre a qual a bênção se funda”. (D. & C. 130:20-21).

Este princípio — bênção por obediência à lei — é observado em todos os campos da vida. Um jovem doutor meu amigo, brilhante e dedicado, iniciou sua carreira trabalhando dia e noite para atender compromissos financeiros. Seus conhecimentos sobre as necessidades do corpo no que diz respeito a descanso não lhe pouparam as consequências da desobediência. Ele tem sofrido repetidos ataques cardíacos e ainda continua a desafiar as leis naturais.

Uma viúva perdeu seu filho único na II Guerra Mundial. Ficou só, sem nenhum parente para ajudá-la. A auto-comiseração dominou seus pensamentos e sentimentos progressivamente. Ela consultou o médico da família, que não encontrou qualquer deficiência orgânica em seu organismo e procurou persuadi-la de que gozava boa saúde. Ela não se deixou convencer e prosseguiu em seu desânimo. Certo dia, o doutor, desesperado, resolveu adotar medidas drásticas. Quando ela voltou ao consultório, ele disse: “Irmã Martinson, a senhora crê no evangelho de Jesus Cristo?”

Ela ficou chocada. “Naturalmente, claro que sim. Oro todos os dias, jejuo uma vez por mês, vou à igreja regularmente, pago meu dízimo. O senhor sabe que eu creio”.

Ele então replicou: “Bom, se a senhora não começar a viver alguns de seus princípios, de maneira melhor do que tem feito, tornar-se-á uma carga para si mesma e para a comunidade”.

“Como assim?” perguntou ela um tanto embaraçada.

Ele respondeu: “Jesus disse: “Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perde-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, acha-la-á”. (Mat. 16:25). Esta é, creio eu, sua maior necessidade. Se viver por este princípio, sentir-se-á melhor”.

Um tanto ferida ela foi para casa, refletiu e mudou completamente de vida. Seus pensamentos voltaram-se para os outros. Passou a levar pão fresco para os doentes e aflitos; jovens mães sobrecarregadas descobriram a força e incentivo de suas mãos habilidosas; e criancinhas da vizinhança conheceram seu amor. Essa mulher encontrou uma alegria de viver que nunca usufruira antes, mesmo nos dias em que estava segura entre seus entes queridos.

“Há uma lei...” e quando obtemos qualquer bênção na vida é pela obediência àquela lei específica em que ela se baseia. Se queremos regressar em segurança de um passeio de carro, obedecemos as leis da segurança na direção e até nos prevenimos contra os erros dos outros. Se queremos gozar de boa saúde,



respeitamos as leis orgânicas. Se queremos gozar saúde mental, aprendemos que é melhor dar do que receber.

Algumas pessoas parecem viver na perigosa presunção de que se pertencemos à Igreja de Cristo, cremos em seu evangelho e fazemos orações, tudo nos sairá bem. Nós nos surpreendemos quando o infortúnio nos atinge, a despeito de vivermos por aquela fé. O que estará errado? Esquecemo-nos de que vivemos num universo regido pela lei e que leis específicas orientam situações particulares. E, conquanto haja muita sobreposição e entrelaçamento entre as leis, não basta simplesmente viver "uma boa vida de um modo geral. Devemos aprender a vivê-la bem de maneiras específicas também. Ilustremos:

Certo dia meu banqueiro telefonou no meio do mês, dizendo: "O senhor sacou 156,35 dólares além do que possuía. Não fique alarmado; eu só achei que o senhor precisava saber". Eu me desculpei e fiquei realmente surpreendido. Qual seria a explicação? Aguardei até o dia primeiro do mês seguinte e descobri que, como de costume, não havia erro nos registros do banco. Durante o mês eu havia orado e pagado meu dízimo, mas ainda assim estava deficitário. Por quê? Eu havia perdido um talão de cheques e fizera retiradas um tanto altas sem registrá-las. Minha esposa, mulher de grande fé e dedicação cristã, gastara dinheiro contando com minha parte do orçamento, sem se dar ao trabalho de me avisar. Estávamos nessa situação por havermos desobedecido duas regras de contabilidade: (1) registrar e (2) desembolsar menos que o disponível.

Essa experiência abriu-me os olhos. "Há uma lei bancária". Não importa quais outras coisas estejam ocorrendo na vida; a negligência neste setor traz conseqüências embaraçosas.

Freqüentemente, alguns ex-missionários que me procuram pedindo conselho estão fracassando nos estudos. Por quê? Eles são bons rapazes que serviram o Senhor com alegria, mas não aprederam as leis do estudo. Alguns, perturbados por problemas financeiros, românticos ou pessoais, são estudantes medíocres. Outros, que aprenderam a aplicar-se, progridem e demonstram extraordinário desenvolvimento e maturidade. Dedicação no campo missionário não livra nenhum aluno das conseqüências da falta de aplicação.

O fazendeiro tem duas escolhas: ou aprende a respeitar as leis da natureza ou abandona o negócio. Ele não faz suas orações, cumpre os deveres na igreja e depois deixa o campo para ser arado, plantado, regado e irrigado e ceifado e sua colheita para ser vendida pela mão invisível do Senhor. Muito pelo contrário: ele faz suas orações matutinas e sai para o trabalho. Se deixar de lado um só processo de cultivo, como por exemplo plantar as sementes, não há colheita.

Eu possuo uma vaca Jersey; não adianta ir à igreja pagar dízimo para que ela produza mais leite. Se quiser mais leite, terei de obedecer as leis sobre as quais se baseia sua produção. Tenho que ir a um entendido e aprender que alimentos devem ser dados à vaca; preciso ordenhá-la regularmente, alojá-la em bom estábulo e assim por diante.

Eu vou à Igreja para adorar o Senhor e participar de irmandade espiritual com os membros. Pago o dízimo como uma dádiva ao Senhor e sua obra — uma

oferta modesta em comparação com a abundância que o Criador concedeu a mim e aos meus. Cada princípio e prática do evangelho traz seus próprios bons frutos.

Muitas pessoas, vivendo nesta era científica, consideram a religião como algo emocional, etéreo e desligado da realidade. Estou profundamente grato pela ênfase dada no mormonismo à exigência de leis e racionalismo na vida e na religião. É verdade que boa parte da religião repousa na fé e no sentimento, assim como a própria vida depende e consiste dessas coisas, que estão além da razão. Contudo, nós cremos que o evangelho contém leis de vida, leis de progresso pessoal, de relações humanas, de vida moral e espiritual, leis que são tão válidas em seu campo como as da natureza no mundo dos fenômenos naturais.

A característica racional, regulamentada, da religião recebeu destaque especial na Lei e nos profetas do Velho Testamento. Na lei de Moisés, o povo foi ensinado a abandonar os meios irracionais como forma de resolver problemas.

"Entre ti se não achará que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro;

"Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, em mágico, nem quem consulte os mortos:

"Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança diante de ti..." (Deut. 18:10-12).

"Falou mais Moisés, juntamente com os sacerdotes levitas, a todo o Israel, dizendo: Escuta e ouve, ó Israel! Neste dia vieste a ser por povo ao Senhor teu Deus.

"Portanto, obedecerás à voz do Senhor teu Deus e farás os seus mandamentos e os estatutos que hoje te ordeno". (Deut. 27:9-10).

A antiga Israel era vágara em aprender a obediência à lei. Os grandes profetas que escreveram, reiteraram a lei antiga de Moisés e tornaram a obediência a princípios éticos, entre os homens, uma parte ainda mais significativa da vida religiosa:

"Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque a vossa beneficiência é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada que cedo passa". (Os. 6:4).

"O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento: porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos". (Os. 4:6).

É bem próprio que juntamente com o evangelho restaurado tenhamos recebido nova ênfase no significado das leis na religião. Isto mantém as melhores tradições do Velho Testamento e é também consistente, em princípio, com a sabedoria dos gregos e a moderna ciência. O profeta Joseph Smith descobriu que não bastava nem mesmo falar com Deus e com os anjos. Ele e seus associados deveriam também organizar-se e estudar o mundo que o Criador havia feito, um mundo de lei e ordem. Este fato foi muito bem descrito em 1832, no que se registra hoje em Doutrina e Convênios, Seção 88. Note-se os seguintes versos:

“E, novamente, na verdade vos digo que aquele que é governado pela lei, é também preservado pela lei, e por ela aperfeiçoado e santificado.

“E a todo o reino é dada uma lei; e a toda a lei pertencem certos limites e condições.

“Todos os seres que não se conformam a essas condições não são justificados.

“Pois a inteligência se apega à inteligência; a sabedoria recebe a sabedoria; a verdade abraça a verdade; a virtude ama a virtude; a luz se apega à luz...” (D. & C. 88:34, 38-40).

Se a obediência à lei é fundamental na vida e na religião, qual é o papel da fé e da graça? A ênfase no conhecimento e na lei aqui ressaltada não precisa minimizar sua importância. A fé é em si uma lei da vida, congênita no ser humano e fundamental a todo o plano do evangelho. É o poder para agir sem conhecer o resultado da ação. Sem a fé não existe criação real nos domínios do espírito. Mas a fé não é substituto para o conhecimento. Ela deve conduzir-nos a ele, pois a obediência ao conhecimento é o instrumento principal na conquista de nossos objetivos, mesmo dentro da religião. De que serve, por exemplo, a fé em Cristo, se não conduzir ao arrependimento, a um convênio de guardar seus mandamentos e cumprir suas leis?

Da mesma forma, há muita graça no evangelho de Jesus Cristo. O próprio Salvador, sob a orientação do Pai, deu-nos a vida na terra, a ressurreição, seu espírito, seu evangelho, a promessa de perdão e os dons do Espírito Santo e do sacerdócio. Contudo, como diz Doutrina e Convênios, “Se um dom é conferido a um homem, de que proveito é se ele não o aceita? Eis que ele não se regozija pelo que lhe foi dado, nem se exulta naquele que lhe deu a dádiva”. (D. & C. 88:33).

De que serve a vida terrena se a vivemos em desarmonia com as leis que lhe dão significado e tornam

auto-realizada? De que vale o perdão se não nos arrependemos e não podemos obtê-lo? Qual o valor da luz de Cristo se lhe voltarmos as costas e preferirmos viver em escuridão? Que importa a ressurreição, se sofremos uma morte espiritual?

Verdadeiramente, “Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus antes da fundação deste mundo, sobre a qual as bênçãos são fundadas.

“E quando de Deus obtemos uma bênção é pela obediência àquela lei sobre a qual a bênção se funda”. (D. & C. 130:20-21).

Os santos dos últimos dias não gozam de privilégios especiais no mundo da natureza ou no universo. O Pai “faz que o seu sol se levante sobre bons e maus e a chuva desça sobre justos e injustos”. (Mt. 5:45).

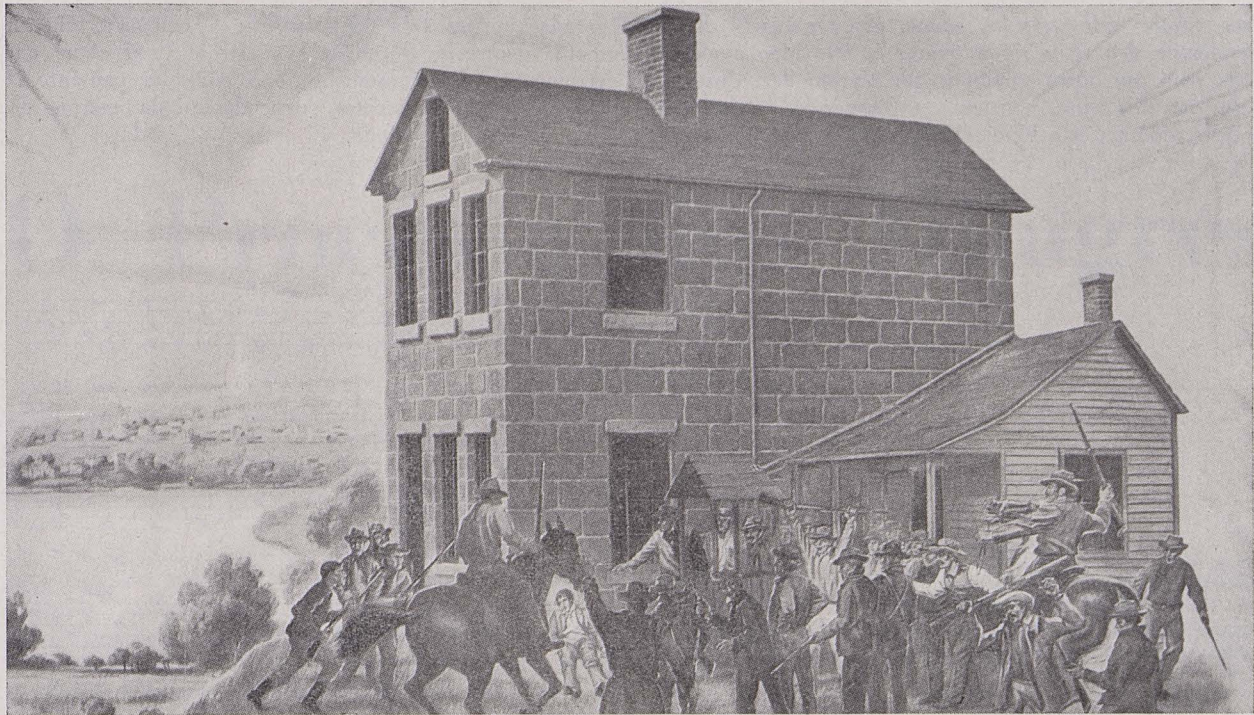
Analizamos brevemente alguns dos problemas com que nos defrontamos na mortalidade. Em cada caso foi citada a lei de causa e efeito. O que guarda a lei divina da saúde será beneficiado, mesmo que jamais tenha ouvido falar na Palavra de Sabedoria. O motorista que dirige dentro da lei pode nunca ter problemas, mesmo que jamais tenha ido a uma conferência sobre segurança ao volante. Durante séculos os homens receberam os benefícios da obediência à lei da gravidade, antes que ela fosse sequer mencionada ou definida. Assim sendo, os homens talvez estejam usufruindo de outras leis que não são ainda plenamente compreendidas. Naturalmente existe alguma ajuda especial que ainda agora nos vem do Pai; por exemplo, a cura dos enfermos através da administração e as bênçãos especiais que advêm do pagamento do dízimo. Cada bênção, mesmo sem ser inteiramente compreendida, deve seguramente ter suas próprias causas e efeitos. “E quando de Deus obtemos uma bênção é pela obediência àquela lei sobre a qual a bênção se funda”. As bênçãos estão aí e há uma lei a que devemos obedecer para receber cada uma delas.

Êles Sem Nós... (Conclusão da pág. 25) ressurgiria do túmulo. Disse Êle: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que ouvirem viverão... Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação”. (João 5:25, 28-29).

Hoje, no mundo, está-se difundindo a verdade de que toda a humanidade terá a oportunidade de ser salva, recebendo toda a alma o privilégio de ouvir a verdade e obedecer suas leis eternas, tanto em seu próprio benefício, enquanto nesta vida, como pelos que morreram sem a oportunidade de conhecer a verdade, sendo esse trabalho realizado em intenção deles pelos seus descendentes. Citando novamente as palavras do Profeta Joseph Smith, “... pois pelos livros serão julgados os vossos mortos segundo as suas próprias obras, quer tenham eles mesmos cuidado das ordenanças *propria persona*, quer por meio de seus próprios

agentes, segundo a ordenança que Deus preparou para sua salvação desde antes da fundação do mundo, e de acordo com os registros que tiveram conservado concernentes aos seus mortos”. (D. & C. 128:8).

Não poderia haver conclusão mais adequada para esta lição que exortar os santos de todas as partes a ouvir a palavra do Senhor, realizando esta obra vital. Não apenas por nossa própria salvação e exaltação, mas pela salvação de todos aqueles que já atravessaram o véu, pois sua salvação é tão importante quanto a nossa, já que não podemos ser salvos sem nossos mortos. Nas palavras do Profeta Joseph Smith, “Irmãos, não prossiguiremos em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória! Regozijem-se os nossos corações e sede muito alegres. Prorrompa a terra em canto. Que os mortos se expressem em hinos de eterno louvor ao Rei Emanuel, o qual, desde antes da fundação do mundo, ordenou aquilo que nos permitiria redimí-los de sua prisão; pois os encarcerados terão a liberdade”. (D. & C. 128:22).



O martírio do Profeta Joseph Smith na prisão de Cathage, em 27 de junho de 1844.

momentos após ouvir êsse hino, o Profeta selaria com seu sangue o testemunho

Um Pobre e Aflito Viajor

Versão Brasileira de Hélio da Rocha Camargo

Apresentação de F. Máximo

O hino que ora apresentamos em versão brasileira supre uma lacuna em nossos hinários; pois trata-se do famoso hino que confortou o Profeta Joseph Smith na mais trágica das cenas da história mórmon, o seu assassinato juntamente com seu irmão Hyrum, na prisão de Carthage, a 27 de junho de 1844.

A crise por que passava a Igreja tornou-se mais aguda em meados desse ano, de modo que meio à acirrada perseguição que se levantava, falsas acusações novamente conduziram o Profeta à prisão. Na última anotação em seu diário, o Profeta escreveu: "Eu disse a Stephen Markham que se Hyrum e eu novamente fôssemos prêsoes e dessa vez não fôssemos massacrados, eu não seria um profeta de Deus". E tanto sabia do fado que o aguardava nas injustas mãos do adversário que mais adiante acrescentou: "Vou como um cordeiro para o matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; tenho a consciência livre de ofensa contra Deus e contra os homens. Morrerei inocente e será dito de mim: foi assassinado a sangue frio".

Uma vez encerrados na prisão de Carthage, Joseph Smith, Hyrum Smith, Willard Richards e John Taylor passaram a manhã escrevendo cartas. Pouco depois de uma e meia da tarde, os prisioneiros sentiam-se deprimidos, de modo que o Profeta pediu a John Taylor que cantasse uma canção, para levantar

o ânimo dos companheiros. Foi uma ocasião semelhante àquela quando Jesus cantou um hino com os seus discípulos, tendo saído para o Monte das Oliveiras, na noite em que foi traído. O hino que Jesus Cantou com seus discípulos perdeu-se, mas o hino cantado por John Taylor: "Um Pobre e Aflito Viajor", que já era apreciado em Nauvoo, hoje é um dos hinos mais queridos dos membros.

Ao terminar a canção, já passava das quatro horas da tarde. Ouviu-se um alarido na parte de fora da prisão. Os trágicos incidentes que culminaram então com a morte do Profeta e do seu irmão são demasiadamente tristes para serem lembrados agora, quando apenas queremos reviver a memória do grande profeta enquanto vivia.

Os comentários seguintes sobre o hino que estamos apresentando devem-se a Alexander Schreiner, organista titular do Tabernáculo.

As estrofes deste hino são duas vezes mais longas que os hinos comuns, havendo sete estrofes, a última das quais resolve o mistério de quem seria este "pobre e aflito viajor".

A forma deste hino, (canção ou balada) é a de um conto, costumeiramente destinada a ser cantada por um solista ou menestrel. Esta qualidade o tornou ideal para ser cantado por John Taylor. Mas, podere-

mos cantar sete estrofes numa congregação? Recomendamos que se proceda quanto a êste hino como se faria com um outro qualquer que tivesse dez, doze ou vinte estrofes (pois existem). Quando a *pessoa que preside* anuncia êste hino, ela deve esclarecer que serão

cantadas apenas três das estrofes: a primeira, uma à escolha dentre as do meio e a estrofe final como encerramento. Deste modo, o hino pode ser cantado de cinco maneiras diferentes, dependendo da estrofe do meio que fôr anunciada.

Montgomery
pacificamente ♩ = 96

1. Um pobre e a-lli-to vi-a-jor Por meus ca-mi-nhos
2. A mi-nha me-sa tão fru-gal Es-ta-va-pos-ta
3. Jun-to a re-ga-to a mur-mu-rar Se-den-to o ví-che-

4.
Em noite horrível a chamar
Mesclada à voz do furacão
Sua voz ouvindo o fui buscar
Para o meu lar e proteção
Abrigo e roupas eu lhe dei
Meu próprio leito lhe ofertei
No chão deitei-me a repousar
E foi tão doce o meu sonhar

ao cru-zar Au-xí-lí-o su-pli-cou-me, e a-mor, E
quan-do en-trou Tão fra-co es-ta-va que, a-fi-nal, Tu-
gar um dia Mas já sem fôr-ças tro-pe-çar Ao

5.
Junto ao caminho o encontrei
Ferido e prestes a morrer
Seu corpo e alma confortei
Curei-lhe as dôres e o sofrer
Oculta dor que me afligia
Naquele instante eu não sentia
E nunca mais essa aflição
Tornou ferir meu coração

nun-ca pu-de lhe ne-gar Seu no-me nun-ca
do lhe dei. Ê lle to-mou Mas deu-me par-te a
pé da fon-te que cor-ria Em seu au-xí-lí-o

6.
Numa prisão o vi chorar
Sob o rigor da humana lei
As tôrpes línguas fiz calar
E sob escárnio honra lhe dei
Pedi-me então morrer por si
A carne fraquejou, tremí
Mas forte o espírito venceu
E respondi-lhe: "Aqui estou eu"

per-gun-tei Qual seu des-ti-no ou su-a grei Mas seu o-
mim tam-bém Qual pão do céu, man-jar do a-lém A li-vi-
me a-pres-sei Meu pró-prio co-po lhe o-fer-tei A-pós be-

7.
O estranho então se transformou
Naquele instante e mesmo ali
As mãos e o lado me mostrou
Meu Salvador reconheci
Meu pobre nome ouvi chamar:
"Tu que soubeste assim me amar,
Dando aos humildes teu amor
Vem para o gozo do Senhor".

lhar, con-so-la-ção Me trou-xe ao tris-te co-ra-ção
ou-me tô-da a dor Qual do ma-ná foi seu sa-bor
ber, tam-bém be-bí E sê-de nun-ca mais so-fri.

NOTA: Quaisquer que sejam as três estrofes escolhidas, entre estas deve constar obrigatoriamente a última.

O Processo dos Milagres

Janet R. Balmforth

Rubinho, um moço de quinze anos, fechou a Bíblia com estrondo. “Não acredito nessas balelas de milagres”, disse êle.

“Nem eu”, replicou seu amigo, Estevão.

“Se a gente pudesse assistir um milagre”, acrescentou Sandra, “seria mais fácil de crer”.

O professor disse então: “Todos os milagres podem ser explicados por leis naturais”.



“Isso é impossível”, afirmou outro aluno. “A seqüência das leis naturais leva muito tempo e êsses milagres bíblicos ocorriam num instante”.

Outros na classe concordaram imediatamente. “Quando o Senhor quer realizar um milagre, êle o faz em um instante”.

“Êle não precisaria de nenhuma lei natural”.

“Mas o Senhor empre opera, por leis naturais”.

“Não acredito. Então não seria milagre!”

“Por que não?”

Assim comentava um grupo de adolescentes a respeito dos milagres do evangelho. O irmão Almir, professor do grupo, ouviu com interêsse suas observações durante alguns momentos e depois interrompeu. “Esperem um pouco aí. Quem disse que as leis naturais exigem muito tempo?”

“Claro”, disse Rubinho, “todo o mundo sabe disso. Veja quanto tempo leva uma semente para germinar —”

“É, e o ôvo para chocar —”

“E uma perna quebrada para consertar!”

“Talvez, se compreendêssemos os princípios que regem êsse crescimento ou cura, pudêssemos apressar o processo”, declarou o irmão Almir.

“Mas como?” perguntou Estevão. “Seria legal se a gente conseguisse”.

O irmão Almir saiu de sua mesa e parou diante da classe.

“Usemos um exemplo”, disse êle. “Suponham vocês que pudessem trazer a esta sala o homem mais primitivo que se encontrasse no mundo — digamos um aborígene dos desertos australianos. Vocês concordam que tudo o que êsse homem primitivo visse aqui pareceria miraculoso e ilusório?”

“Sim”.

“Tomemos agora algo que aceitamos como comum e procuremos explicar-lhe”. O irmão Almir circunvagou os olhos pela sala. “Por exemplo aquela lâmpada lá em cima e êste comutador aqui”. Êle foi até à parede ligando e desligando a luz. Acendeu e tornou a apagar.

“Vocês consideram isto um milagre?”

“Não”.

“E nosso homem primitivo, consideraria?”

“Sim”.

**Quando conhecermos
os princípios naturais pelos quais o Senhor opera,
veremos que os milagres que operou
não são mais sobrenaturais
que a tecnologia do século XX**

“Pode ser”, disse o irmão Almir, “mas só por não compreender. Vocês conhecem os princípios em que a coisa se baseia. Portanto, com apenas um toque a lâmpada se acende ou se apaga. Agora, Rubinho, como você explicaria ao nosso homem o milagre deste comutador e daquela luz?”

Rubinho passou pensativo a mão pelos cabelos negros “Eu diria que este interruptor está ligado a um circuito, que contém alguns fios e —”

“Espere aí Rubinho, interrompeu o irmão Almir. “Lembre-se de que nosso homem não tem a menor idéia a respeito de fios condutores, interruptores e circuitos. Ele nunca os viu nem sabe como operam. Você deve começar bem pelo princípio”.

“Será que o homem primitivo conheceria postes telefônicos?” pergunto Cristina.

“Ou então barragens, usinas?” perguntou outra garôta.

“Ele não conheceria nada disso”, retorquiu Alceu. Teria que começar bem atrás, pelo comêço.

“Irmão Almir”, disse Rubinho, “acho que sei onde o senhor quer chegar, mas é difícil de explicar. Nós aceitamos o fato de que é possível produzir luz ou escuridão instantaneamente, com o apertar de um interruptor e no entanto as noções que tornaram isto possível custaram muitos anos de aprendizado. Mas para nosso homem primitivo isto é um milagre, porque ele não compreende o que está por trás de tudo”.

“E também”, disse o professor, “não se esqueça — nós crescemos conhecendo eletricidade e luz e nem pensamos nela a menos que não funcione”.

“Muito bem. Isto significa que um milagre perde seu aspecto fantástico ao se tornar comum”.

“Claro”, disse Alceu. “Mesmo nosso aborígene depois de algum tempo aceitaria aquela luz ali como coisa comum e então — zás —lá se foi o milagre”.

Sandra levantou a mão. “Irmão Almir, o senhor quer dizer que nós somos exatamente como o homem primitivo em nossa compreensão do evangelho?”

O irmão Almir concordou com a cabeça. “Sim, mas há muito mais que isso”.

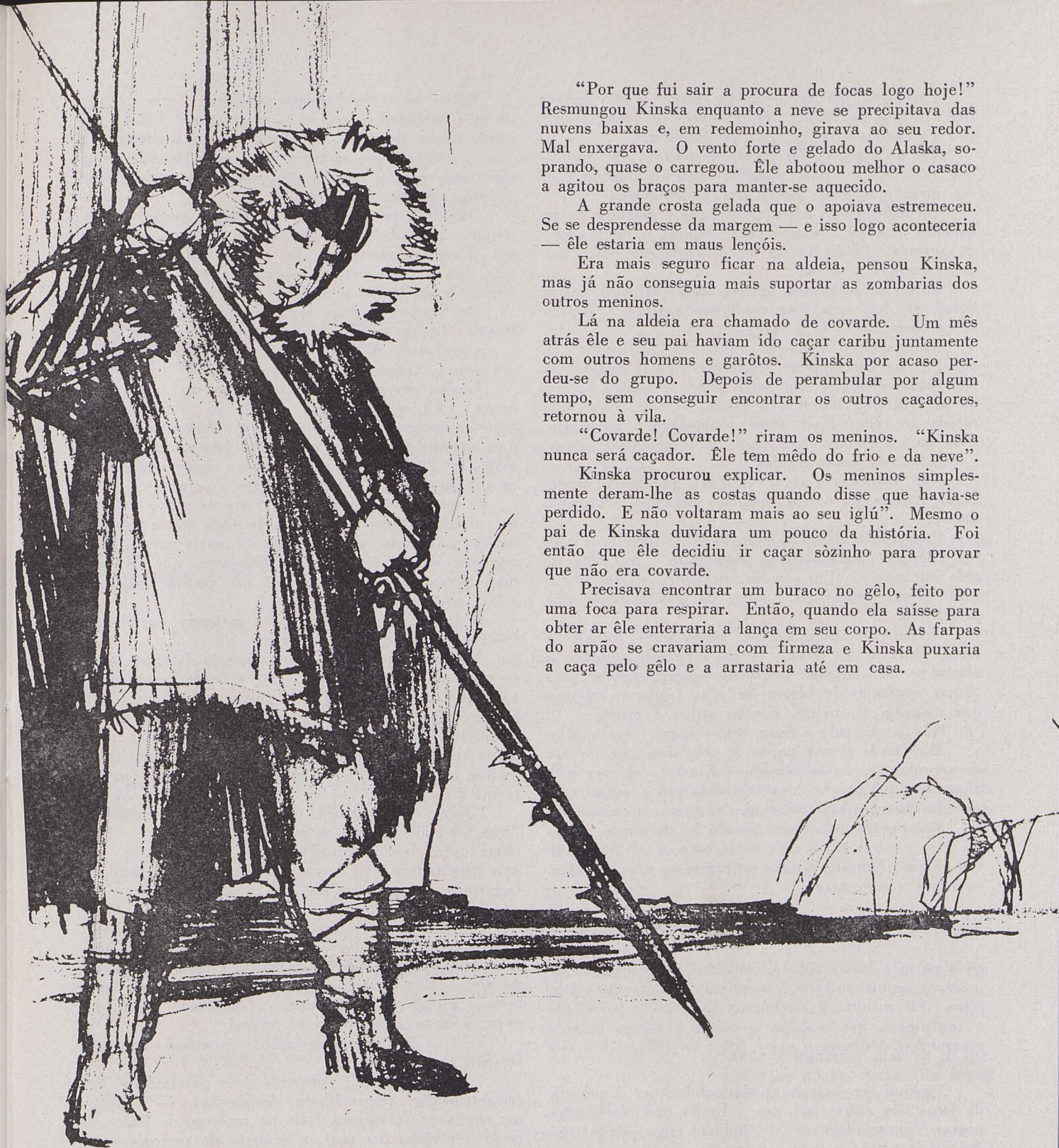
Pensativo Rubinho contemplou a luz. “Não temos nada em nossa experiência para poder compreender os milagres de Jesus Cristo, da mesma forma que o

homem primitivo não tinha nada em sua experiência para explicar luzes e comutadores.

“Bravos, Rubinho”, disse o irmão Almir. “E, então, algum dia o que acontecerá?”

“Bom, será algum dia bem distante, mas quando finalmente dominarmos os princípios pelos quais o Senhor opera, veremos de que forma eles podem ser tão instantâneos como o apertar daquele comutador”.





“Por que fui sair a procura de focas logo hoje!” Resmungou Kinska enquanto a neve se precipitava das nuvens baixas e, em redemoinho, girava ao seu redor. Mal enxergava. O vento forte e gelado do Alasca, soprando, quase o carregou. Êle abotoou melhor o casaco a agitou os braços para manter-se aquecido.

A grande crosta gelada que o apoiava estremeceu. Se se desprendesse da margem — e isso logo aconteceria — êle estaria em maus lençóis.

Era mais seguro ficar na aldeia, pensou Kinska, mas já não conseguia mais suportar as zombarias dos outros meninos.

Lá na aldeia era chamado de covarde. Um mês atrás êle e seu pai haviam ido caçar caribu juntamente com outros homens e garôtos. Kinska por acaso perdeu-se do grupo. Depois de perambular por algum tempo, sem conseguir encontrar os outros caçadores, retornou à vila.

“Covarde! Covarde!” riram os meninos. “Kinska nunca será caçador. Êle tem medo do frio e da neve”.

Kinska procurou explicar. Os meninos simplesmente deram-lhe as costas quando disse que havia-se perdido. E não voltaram mais ao seu iglú”. Mesmo o pai de Kinska duvidara um pouco da história. Foi então que êle decidiu ir caçar sozinho para provar que não era covarde.

Precisava encontrar um buraco no gelo, feito por uma foca para respirar. Então, quando ela saísse para obter ar êle enterraria a lança em seu corpo. As farpas do arpão se cravariam com firmeza e Kinska puxaria a caça pelo gelo e a arrastaria até em casa.

O Herói da Aldeia

O. J. Robertson

ilustrado por Ronald Crosby

Encontrou um montículo de neve. Tinha certeza que era um dos muitos respiradouros de foca. Esfregou o pé sob a neve até o buraco aparecer.

De seu casaco com capuz êle retirou um "indicador" de foca — uma pequena lasca de marfim com um círculo achatado numa das extremidades.

Cuidadosamente colocou-o n'água e deixou-o boiar. Quando uma foca subisse para respirar o "indicador" se moveria. Então Kinska arremessaria sua longa lança e mataria o animal.

Talvez se passassem apenas alguns minutos, talvez horas, até que uma foca resolvesse aparecer. Kinska acorrou-se, decidido a esperar.

Não precisou aguardar muito. O "indicador" de marfim movimentou-se levemente, depois projetou-se para cima, enquanto um nariz peludo e escuro fungou no ar. Kinska levantou o arpão. Nessa hora, uma rajada de vento mais forte roubou-lhe o equilíbrio. Caiu para a frente. Seu arpão se projetou no buraco e afundou nas águas geladas.

Não apanhara a foca! E havia perdido o arpão. Como iriam os outros meninos quando soubessem disso!

Preocupado, Kinska levantou-se e começou a voltar. O vento estava agora mais forte. A crosta de gelo estremeceu. Um som de rachadura se seguiu e o mêdo tomou conta dêle. Parte do gelo estava-se desprendendo.

Correu desesperadamente procurando atingir a terra. Mas já era tarde! A casca de gelo começou a afastar-se da margem, deslizando vagarosamente para o mar coalhado de blocos de gelo. Mesmo sabendo que ninguém o ouviria, Kinska gritou e gritou.

Não havia nada a fazer, senão flutuar com o gelo.

Mais tarde a neve parou de cair, mas não o vento de soprar. O céu se clareou e Kinska pôde ver bem afastada a praia. Ao longe percebia sua pequena vila, os iglús brancos mal recortados contra o horizonte.

Vagarosamente a crosta gelada foi delizando. Uma — duas — três horas. Já devia estar 8 ou 10 km de sua aldeia. Exausto, Kinska estirou-se na neve. Fechou os olhos e adormeceu.

Males dos Nossos Dias... (Conclusão da pág. 6)

tivos puros e ideais nobres, conhecendo plenamente que a êles se seguiriam como cosequência as palavras e atos retos. Ele ensinou, e a moderna fisiologia e psicologia o confirmam, que o ódio, o ciúme e outras paixões mesquinhas destroem o vigor físico do homem e a sua eficiência.

Nenhum ser humano pode desobedecer a palavra de Deus sem sofrer por isso. Aquilo que um homem pensar continuamente determinará suas ações nas épocas de tensão e crise. A reação de alguém a seus apetites e impulsos dá a medida de seu caráter. Nessas reações são revelados seu poder de dominar ou seu servilismo forçado a ceder.

Irmãos e irmãs, a espiritualidade é a consciência da vitória sobre si mesmo e da comunhão com o Infinito. Ela impele o homem a vencer as dificuldades e adquirir mais e mais fortaleza. Sentir as próprias faculdades desdobrando-se e a verdade se expandindo na alma é uma das mais sublimes experiências.

Então, um terrível choque sacudiu-o. Seria a crosta de gelo quebrando-se em pedaços menores? Não! Ela ainda estava inteira — e parada. Kinska começou a correr. Sabia o que acontecera. A casca de gelo havia esbarrado em uma outra maior, que ainda estava ligada à praia. Kinska estava salvo!

Atingiu a praia exausto. Descançou apenas alguns minutos e então correu na direção de casa. Estava um pouco envergonhado de voltar. Esgueirar-se-ia pelo iglú sem ser notado; ninguém ficaria sabendo da foca e de seu arpão perdido.

De repente, formas escuras desenharam-se à sua frente. Teriam notado sua ausência na aldeia e saído à sua procura? Mas não foram pessoas que viu e sim um pequeno rebanho de caribus.

Kinska parou. Não podia deixar os caribus passarem! Êle os tocara na direção da vila para que todos pudessem comer carne fresca. Agitou os braços e os animais pararam. Êle então se pôs a tocá-los, gritando. O líder do rebanho virou-se e começou a correr na direção da aldeia e os restantes o seguiram.

O rebanho já estava a uns 2 km da aldeia quando os caribus viraram para um lado onde havia uns arbustos meio desbastados. Enquanto corria para a vila, esperava, contra tôdas as possibilidades, que os animais ficassem onde estavam até que pudesse espalhar a boa nova.

E ficaram! Estavam ainda pastando quando os homens chegaram com suas armas.

Naquela noite fumegou uma panela de carne fresca em cada iglú da aldeia. Os meninos reuniram-se ao redor da casa de Kinska, pois queriam ouvir sua história mais e mais vêzes. Contou tudo o que havia acontecido — que perdera o arpão, que ficara com muito mêdo quando a crosta de gelo se despreendeu e relatou como encontrou o rebanho de caribus e pastoreou-o até ali.

"Talvez você estivesse com mêdo", disse alguém, "mas foi muito valente ao enfrentar tudo sozinho. Nenhum outro menino da aldeia fêz o que você fêz. É uma pena termos rido de você no dia em que se perdeu. Queremos ser amigos agora".

Ser "honesto, sincero, casto, benevolente, virtuoso e fazer o bem a todos os homens" são atributos que contribuem para a espiritualidade — a maior conquista da alma. É o divino no homem, o dom supremo que torna-o rei de tôda a criação, a qualidade final que fá-lo elevar-se acima do reino animal.

Veio de Deus a admoestação e promessa dadas ao Profeta Joseph Smith:

"...que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; (maravilhosa declaração) — "então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será teu companheiro constante e, o teu cetro, um imutável cetro de retidão e verdade; e, o teu domínio, um domínio eterno, e sem medidas compulsórias fluirá a ti para todo o sempre". (D. & C. 121: 45-46).

Deus nos auxilie a guardar aquela adomestação e a seguir os ideais da Igreja, estabelecidos por revelação direta nestes dias, eu oro em nome de Jesus Cristo, Amém.

A ÚLTIMA PALAVRA

Estava correndo tanto que ao dobrar uma esquina, pôde ver a chapa trazeira do carro.

Melhor é entender um pouco que malentender muito.

Anatole France

O pior uso que se pode fazer do sucesso é apregoá-lo.

Arthur Helps

O que mais importa no mundo não é onde se está, mas para onde se está indo.

Mais aprecio quem me pergunta por que não me foi erigida uma estátua do que quem me pergunta por que foi.

Disraeli

Era um relógio tão velho, mas tão velho, que a sombra do pêndulo havia cavado um buraco no chão.

Ninguém desconfia o quanto já está velho senão quando descobre que um sopro apenas não mais apaga as velinhas.

Empregador: "Que negócio é êsse de pedir um salário tão alto se você não tem nenhuma experiência?"

Candidato: "É que é muito mais duro trabalhar sem saber nada do assunto".

Especialista: Uma pessoa que sabe muito sôbre muito pouco e continua a aprender mais e mais sôbre menos e menos até que eventualmente fica sabendo quase tudo acêrca de quase nada.

Você nunca saberá quanto pode fazer enquanto não tentar fazê-lo.

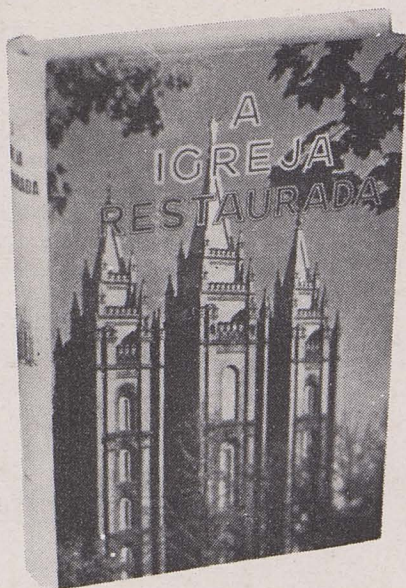
Franklin P. Adams

Contrariamente à opinião corrente, o amor não é cego — sempre pode ver a diferença entre uma charanga e um conversível último tipo.

Errar é humano, mas se a borracha se gastar antes do lápis, você já está exagerando.

A experiência é uma coisa maravilhosa. Capacita-nos a reconhecer facilmente um erro quando o cometemos outra vez.

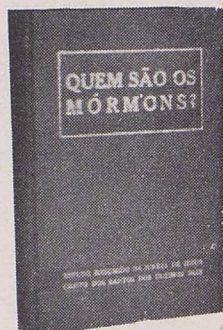
LEITURA MEMORÁVEL



A IGREJA RESTAURADA

Em magnífica apresentação a quatro cores, encadernado em percaline, profusamente ilustrado com fotografias e mapas históricos, este volume propicia um estudo essencial da história do desenvolvimento e da doutrina dos santos dos últimos dias. Tem sido de largo uso nos seminários e escolas da Igreja, estando agora em sua décima edição em inglês e primeira em português. Oferece ainda extensa bibliografia e completo índice de referências.

Livros que serão companheiros, livros importantes que aprofundam o seu conhecimento do evangelho... êsse é o tipo de livros que você encontrará no Centro Editorial Brasileiro



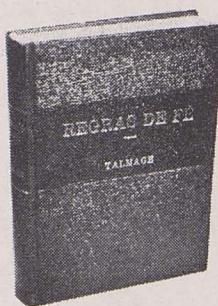
QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Um estudo resumido da Igreja, apresentando de maneira agradável e franca resposta às perguntas iniciais sobre o mormonismo, tais como, "quem são eles, em que acreditam, qual é o seu programa." Amplamente ilustrado com fotografias históricas.



O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, em quatro cores, este importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente inspirador.



REGRAS DE FÉ

Apresenta um estudo das principais doutrinas da Igreja, de forma aperfeiçoada e em parte reescrita. Contém conhecimentos indispensáveis tanto ao membro da Igreja quanto ao observador de fora; esta obra foi traduzida para as principais línguas do mundo.

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Rua Afonso Braz, 464 -
fone 61-2344 - São Paulo

26 SEP 1967